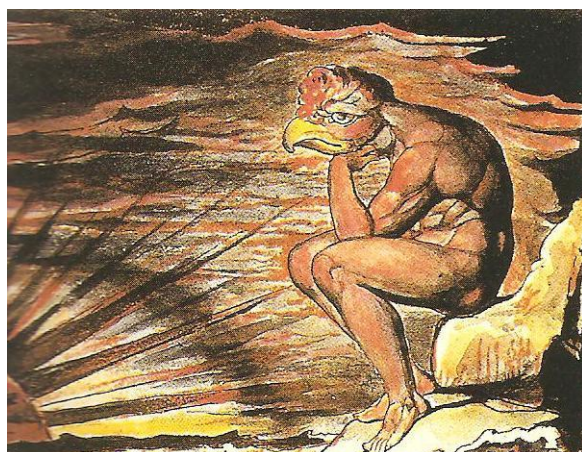


UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS

MESTRADO EM ETNOLOGIA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA



CONFIGURAÇÕES SIMBÓLICAS DO SAGRADO

Ulisses Rolim

Orientador Prof. Doutor Moisés Espírito Santo

LISBOA 2010

"... O caminho para a sabedoria não é acumular ciência como alguns acumulam riquezas; é reconhecer a sua própria realidade no mundo, é julgá-la; é renovar dentro de si o mistério da criação. ..."

(in O Médico de Córdova de Herbert Le Porrier)

AGRADECIMENTO

Ao Professor Doutor Moisés Espírito Santo, pela sua orientação e acompanhamento. E pela sua disponibilidade que tornaram possíveis esta dissertação.

Monsenhor Landroit diz que: "O Simbolismo é uma ciência admirável que lança uma luz maravilhosa sobre o conhecimento de Deus e do mundo criado, sobre as relações do Criador com a sua obra, sobre as relações harmoniosas que unem entre si todas as partes deste vasto universo... A chave da alta Teologia, da mística, da filosofia, da poesia e da estética, a ciência das relações que unem Deus e a Criação, o mundo natural e o mundo sobrenatural, a ciência das harmonias existentes entre as diferentes partes do universo e que constituem um todo maravilhoso de que cada fragmento pressupõe o outro e reciprocamente, um centro de claridade, um foco de doutrina luminosa."

(in *O Simbolismo do Templo Cristão*, Jean Hani)

ÍNDICE

Introdução.....	6
1 - Vazio ou a Procura	14
2- A Palavra	24
3- O Templo um Lugar Sagrado.....	33
4 - O Galo e a sua Simbologia.....	45
5 - Que Mistério tem o 7.....	77
Conclusão.....	116
Bibliografia.....	120

INTRODUÇÃO

Neste trabalho pretende-se analisar as configurações simbólicas do sagrado, tendo como referente empírico diferentes textos classificados como sagrados por diversas religiões, múltiplas narrativas de cariz popular e erudito e ainda materiais iconográficos e fotográficos de diferentes espaços culturais.

Segundo Durkheim, o sagrado é o corpo social hipostasiado, a força e a autoridade colectiva representada por símbolos que manifestam a transcendência em relação aos indivíduos. Para este autor a noção de sagrado implica a distinção entre sagrado e profano.

«As coisas sagradas são aquelas que os interditos protegem e isolam; coisas profanas, às quais os interditos se aplicam e que devem ficar distantes das primeiras.

As crenças religiosas são representações que exprimem a natureza das coisas sagradas e as relações que elas apoiam, seja entre elas seja em relação às coisas profanas. Enfim os ritos são regras de conduta que prescrevem como o homem se deve comportar face às coisas sagradas»¹.

Esta posição sustenta que o sagrado se opõe ao profano. A definição sociológica de sagrado diz-nos que, sagrado é uma qualidade acrescida a uma coisa pelo facto dela ter sido separada das suas congéneres e que passa a ser protegida por interdições/tabus. Rudolf Otto diz-nos que sagrado é o totalmente outro. Sagrado – do Latim *Sacer* – separar, tornar-se outro.² O acto fundador de sagração é o retirar do conjunto e levá-lo para outro lugar ou dar-

¹ E. Durkheim, *Les Formes Élémentaires de la Vie Religieuse*, Paris, Quadrigue, PUF, 1985 [1912], p. 50

² R. Otto, *Le Sacré*, Paris, Payot, 1949

lhe um destaque especial. O Sagrado, representado pela categoria do numinoso (*numen*=divindade), reveste-se de duas dimensões: o irracional e o racional, que, ainda que contrários não são contraditórios. A dimensão irracional não remete para aquilo que é o contrário à razão, mas privilegia o que se posiciona acima da razão: o *supra-racional*. O Sagrado é aquilo que transcende a razão humana e resiste a qualquer redução racional, constituindo propriamente o numinoso ou o *inteiramente outro*. A dimensão racional do sagrado reenvia para tudo o que pode ser reduzido a categorias de pensamento, para o espaço dos símbolos com manifestações sensíveis que possibilitam a vivência e a relação com o numinoso³.

A hierofania expressa o acto de manifestação do sagrado, como qualquer coisa de diferente, mas complementar do profano. Trata-se da manifestação de algo de ordem diferente, de uma realidade que não pertence ao nosso mundo, em objectos que fazem parte integrante do nosso mundo «natural» e «profano».

O sagrado pode manifestar-se na palavra, a palavra que liberta e em múltiplos objectos. A Palavra criadora, a Palavra que cria, que organiza, que transforma o Caos em criação que tende ou deve tender para o sagrado. Que dá ao homem essa suprema tarefa, esse dever de sublimação, de se aperfeiçoar para se aproximar do seu Criador, «lembra-te de quem és..., que és apenas humano, não divino...»⁴ surge como uma *divina* advertência ao homem da sua condição, impelindo-o no entanto a completar a obra iniciada.

Relativamente aos objectos estes não são adorados enquanto objectos, mas são venerados porque são hierofanias. A espiga da Quinta-feira de ascensão colhe-se e traz-se para casa, (separou-se das suas congéneres) a coroa da romã, o ramo do Domingo de ramos, etc. A Igreja/Templo é também uma casa separada das outras. Podem-se referir outros objectos, nomeadamente o galo, e o número 7.

A relação sagrado/profano marca simultaneamente o espaço e o tempo. O espaço sagrado apresenta-se como significativo, «forte», por oposição aos

³ R.Otto, *Op.cit.*

⁴ Extracto de inscrição do templo de Apolo em Delfos

outros espaços não-sagrados que se caracterizam pela ausência de estrutura e de consistência, ou seja, amorfos.⁵ «É a rotura operada no espaço que permite a constituição do mundo, porque é ela que descobre o «ponto fixo», o eixo central de toda a orientação futura. Quando o sagrado se manifesta por uma qualquer hierofania, não só há rotura na homogeneidade do espaço, mas há também *revelação de uma realidade absoluta*, que se opõe à *não-realidade* da imensa extensão envolvente. A manifestação do sagrado funda ontologicamente o mundo. Na extensão homogénea e infinita onde não é possível nenhum ponto de referência, e por consequência onde orientação nenhuma pode efectuar-se – a hierofania revela um «ponto fixo» absoluto, um «centro»». ⁶ Para a experiência profana o espaço é homogéneo e neutro. O homem não-religioso ao recusar a sacralidade do mundo experiencia o espaço como uma existência profana isenta de toda a pressuposição religiosa. A revelação de um espaço sagrado permite a produção de um «centro» permitindo a orientação na homogeneidade caótica, o «fundar o mundo» e viver realmente. «Os objectos erigidos no «centro» do território são o pólo de atracção do grupo para o seu centro e impedem que a comunidade se dissocie. É sempre em volta deles que se resolvem certos problemas locais; as procissões devem passar à sua volta evocando autoridade sobre o território».⁷ A experiência profana ao privilegiar a homogeneidade e a relatividade do espaço não lhe permite produzir uma «verdadeira orientação» limitando-se a «lugares» fragmentados e neutros.

Tal como o espaço, o tempo para o homem religioso não é homogéneo nem contínuo. «Há, por um lado, os intervalos de tempo sagrado, o tempo das festas (na sua grande maioria, festas periódicas); por outro lado, há o tempo profano, a duração temporal ordinária na qual se inscrevem os actos privados de significação religiosa».⁸ O homem religioso através dos ritos passa do tempo ordinário para o tempo sagrado. O tempo sagrado é pela sua natureza própria reversível, é um tempo mítico primordial tornado presente. O tempo sagrado

⁵ M. Eliade, *O Sagrado e o Profano. A Essência das Religiões*, Lisboa, Ed. Livros do Brasil, p. 35

⁶ M. Eliade, *Op. Cit.*, pp. 35-36

⁷ Moisés Espírito Santo, *A Religião Popular Portuguesa*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1990, p. 28

⁸ M. Eliade, *Op. Cit.*, p. 81

indefinidamente recuperável e indefinidamente repetível. Como refere Moisés Espírito Santo, referindo-se ao meio rural, o calendário é uma sucessão de tempos fortes e fracos. Na sexta-feira nenhuma iniciativa importante (como as sementeiras ou as vindimas) pode ser começada e as relações sexuais devem ser evitadas, porque a criança que delas nascesse seria monstruosa. Esse dia é aquele em que Jeová terminou a criação – usá-lo para iniciar qualquer coisa é colocar-se na contracorrente do tempo. No domingo, que substitui o *sabbat* não é permitido qualquer trabalho nos campos».⁹

O sagrado apresenta – se sob diversas formas, a fé, a religião, a igreja. Enquanto a fé é uma relação entre o homem e o divino, a religião tem uma dupla dimensão, vertical com a transcendência e horizontal com a comunidade de crentes. Para se proteger contra tudo aquilo que o inquieta no mundo, o homem segue ritos. O ritual cria e perpetua regularmente os sentimentos colectivos.¹⁰ O ritual orienta e codifica, por um lado, as relações entre o homem e o sobrenatural e, por outro, as relações entre os homens que partilham as mesmas crenças.

Este processo de codificação e de acção está na génese da igreja. A experiência do sagrado, a religião é também inseparável da experiência da comunidade. A religião é geradora de coesão, ela privilegia o colectivo. «Uma religião é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas às coisas sagradas, que quer dizer separadas, interditas; crenças e práticas que unem numa mesma comunidade moral, apelidada igreja, todos aqueles que lhe aderem». ¹¹ Se considerarmos a religião como uma comunidade estruturada com os seus ritos e os seus códigos de vida orientadores, pode-se utilizar este termo para todos os sistemas de crença numa transcendência.

Os ritos estão presentes em todos estes sistemas de crenças, regendo as relações com o sobrenatural e com os outros crentes. Podemos, seguindo a distinção estabelecida por Sharp, estabelecer uma classificação entre dois tipos de ritos: os ritos de controlo (compreendendo as interdições e receitas mais ou

⁹ Moisés Espírito Santo, *Op. Cit.*, p. 62

¹⁰ Radcliff-Brown, «Rituel», *Encyclopedia Universalis*, vol. 15, Paris, 1985, p. 1161

¹¹ E. Durkheim, *Op. Cit.*, p. 65

menos mágicas para agir sobre os fenómenos naturais); e os ritos comemorativos (aqueles que consistem em recriar a atmosfera sagrada).¹²

No seguimento das posições defendidas por Cazeneuve, pode-se considerar que a condição necessária para que um símbolo possa ter o carácter do que é sagrado, é que ele esteja associado simultaneamente de uma maneira ou doutra à ordem humana e ao poder sobre-humano.¹³

Da publicidade com que somos assediados dia a dia, à psicanálise, das ciências às artes, etc., o símbolo é presença constante. Passamos assim a nossa vida a tentar desvendar a *mensagem* do Criador, a tentar desvendar a linguagem dos símbolos. Os símbolos representam valores sociais e indicam uma conduta para tingir o ideal, fazem produzir ideias e comportamentos concordantes.¹⁴ Podemos dizer que um símbolo apresenta várias funções. A primeira função do símbolo é de ordem exploratória. Os jogos de imagens e de relações imaginadas constituem uma interpretação experimental do desconhecido. Este desconhecido uma vez identificado pelo investigador, os mesmos esquemas imaginários podem subsistir, mas para convidar o homem à procura do desconhecido numa outra direcção e orientá-lo para novas direcções. O símbolo tem também uma função de substituto. Sob o modo figurativo, ele substitui em forma de resposta de solução ou de satisfação a uma questão, a um conflito, a um desejo, que permanece em suspenso no inconsciente. A substituição implica uma terceira função: a função de mediação. Ele reúne os elementos separados ligando o céu e a terra, a matéria e o espírito, a natureza e a cultura, o real e o sonho, o inconsciente e a consciência. Os símbolos são forças unificadoras, condensam a experiencia total do homem, religiosa, cósmica, social e física. Graças ao símbolo, que o situa numa ampla rede de relações, o homem não se sente estranho no mundo. O símbolo tem uma função pedagógica e mesmo terapêutica, exprime uma realidade que responde a múltiplas necessidades de conhecimento, de afectos e de segurança. O símbolo tem também uma função

¹² J. Cazeneuve, *Sociologia do Rito*, Porto, Rés Editora, s/d, p. 25

¹³ J. Cazeneuve, *Op. Cit.*, p. 195

¹⁴ Moisés Espírito Santo, *Op. Cit.*, p. 20

socializante, privilegia uma comunicação profunda com o meio social. Cada grupo, cada época tem os seus símbolos, vivenciar esses símbolos é participar nesse grupo e nessa época, é cumprir uma função de ressonância, de amplificação das vibrações. O símbolo tem ainda uma função de transcendência, ou seja a passagem de uma atitude a outra possibilitando o estabelecer uma conexão entre forças antagónicas e em consequência, ultrapassar oposições e trilhar um progresso da consciência. Por fim, o símbolo tem uma função de transformação de energia psíquica. Não apenas o símbolo exprime as profundezas do eu as quais ele lhe dá forma e figura, mas ele estimula pela carga afectiva das suas imagens, o desenvolvimento dos processos psíquicos.¹⁵

O uso de códigos simbólicos nas sociedades organizadas baseia-se na satisfação de necessidades de representações e comunicação. A criação de elementos simbólicos significantes e duráveis, habitualmente ocorre como um acto colectivo que tem também uma função social, para além de ser igualmente o ponto central da vida imaginativa das sociedades.

Metodologia de Pesquisa Empírica

A estratégia de investigação seguida neste trabalho é de tipo *intensivo*. Trata-se de analisar em profundidade a multiplicidade de facetas e de dimensões que caracterizam este processo da reconfiguração simbólica do sagrado. Neste tipo de pesquisa, procura-se contribuir para a elucidação daquilo em que consiste a singularidade do caso, em especial do que nela decorre daquela articulação específica de dimensões, mas, também, para o esclarecimento dos modos, como, em algumas dessas dimensões, ele se relaciona com domínios mais vastos.

A análise documental foi a técnica privilegiada nesta investigação, desenvolvida a partir de diferentes tipos de fontes documentais. Um primeiro tipo de fontes consultadas reporta-se a diferentes textos classificados como

¹⁵ Jean Chevalier, «Introduction, in Jean Chevalier, Alain Gheerbrant, *Dictionnaire des Symboles*, Paris, Ed. Robert Lafont/Jupiter, 1993 [1969], pp. XVIII-XXIII

sagrados por diversas religiões. Designadamente, a Bíblia, o Corão, a Torah, o Talmudh, o Zohar, a Tripitaca Budista, textos Hindus e Xintuistas, o Livro dos Mortos do Antigo Egipto, o livro Apócrifo de Henoch.

Um segundo tipo de fontes incidiu nas múltiplas narrativas de cariz popular e erudito. Podemos referenciar poesias e romances de autores portugueses, Cancioneiro Popular, Lendas de Portugal (organização de Gentil Marques), Fábulas de La Fontaine, Jornais de âmbito regional e nacional.

Um terceiro tipo de fontes refere-se a materiais iconográficos e fotográficos de diferentes espaços culturais.

Estrutura da Dissertação

A estrutura da dissertação organiza-se em cinco capítulos. O primeiro, intitulado *Vazio ou a Procura* incide sobre a preeminência da transcendência num contexto da modernidade tardia, marcada pela globalização. A facilidade e a velocidade da comunicação, que caracterizam a aldeia global, tornam o homem agorafóbico de si. De um lado, o homem mergulha num novo caos que se torna cada vez mais real e do outro lado um quase vazio.

O processo de secularização molda as experiências e vivências do sagrado e as relações com o transcendental. «A secularização é a situação criada na modernidade por acção sobretudo da racionalidade científica e técnica e do ideal de liberdade, com inequívoco impacte na vida económica, política, social e cultural e intelectual, alterando a relação entre estes domínios e a religião, e levando ao fim do cosmos sagrado. Ao contrário do que sucedia na sociedade tradicional, a ordem social, em que se processa a trama da existência humana, passa a alicerçar-se fora do mundo sobrenatural. A secularização não significa necessariamente um distanciamento de Deus, mas a condição de uma outra relação com o divino».¹⁶

A modernidade ao enfatizar o espaço urbano e desvalorizar a ruralidade leva ao não reconhecimento do seu «centro», do ponto a partir do qual se

¹⁶ António Teixeira Fernandes, *Formas de Vida Religiosa nas Sociedades Contemporâneas*, Oeiras, Celta Editora, 2001, pp. 2-3

organiza o caos, do ponto de pertença, no qual o homem se plasma e se reinventa, e onde «funda» o seu mundo. Perde-se a noção de espaço sagrado, de espaço «único». Dando assim origem a uma reconfiguração na procura e na interpretação do sagrado e do sobrenatural.

No segundo capítulo, *A Palavra e a palavra que Cria*, aborda-se a palavra como um dos primeiros ritos sociais, como símbolo de criação, como actividade criadora, enquanto veículo de pensamento, de conhecimento. De consciência do existir colectivo, de tradição, do ritual, de assumpção do sagrado.

No terceiro capítulo, *O Templo um Lugar Sagrado*, discute-se a sacralização do espaço. De sacralizado a sagrado. O acto fundador de sacração. Espaço protector, protegido por interdições. A projecção do arquétipo na afirmação da simbologia própria.

No quarto capítulo, *O Galo*, dá-se conta da forte presença do galo enquanto símbolo de iniciação, «arauto da luz». Largamente referenciado na etnografia, não só portuguesa mas de variadíssimas culturas e civilizações, em rituais, na simbólica mito/fundacional do imaginário colectivo e na iconografia de várias religiões.

No quinto capítulo, *Que Mistério Tem o Sete*, símbolo presente do quotidiano às estruturas sagradas de várias religiões/civilizações/culturas. Descrito como número da criação, rege ciclos cósmicos, culturas, festividades pagãs e religiosas. Na cultura popular, nos textos sagrados e nas narrativas eruditas é patente a transversalidade do número sete. É ainda representante dos princípios divinos.

VAZIO OU A PROCURA

«Não há nada de novo sob a face do Sol»

Eclesiastes

«... No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus...»

S. João I: I

A análise das configurações simbólicas do sagrado leva-nos neste capítulo a discutir a preeminência da transcendência num contexto da modernidade tardia, marcada pela globalização. A facilidade e a velocidade da comunicação, que caracterizam a aldeia global, tornam o homem agorafóbico de si. De um lado, o homem mergulha num novo caos que se torna cada vez mais real e do outro lado um quase vazio.

O espírito prevalecia sobre a matéria, a emoção prevalecia sobre a razão. Era o mistério da criação.

No final do milénio o casal Damásio derruba Descartes e descobre o erro. E esta «nova» verdade, tão antiga como a criação, proclamada por todas as religiões desde o início dos tempos, surge agora inovadora, avassaladora mesmo, Jung lembra-nos: «Tudo o que é velho é sinal do que está para vir» E assim a ciência, as ciências exactas descobriram o seu criador.

Tudo isto depois de termos assistido à materialização do espírito e da ciência ter célere ocorrido a substituir a Teologia e, a Psicanálise destituído a Religião tentando tutelar a essência do homem, a sua relação com o sagrado. Tito Nuñez Silva, no discurso do seu Doutoramento Honoris Causa pela Universidade Internacional Philo-Bizantina da Califórnia que decorreu em Barquisimeto na Venezuela, em Março de 1998, a dada altura afirma:

«A globalização substitui o conceito de homem pelo conceito de mercado. O consumo faz-se religião, a tecnologia dos mass-média transforma-se em oráculo ou santuário. O consumismo inaugura novas liturgias. Cria novos símbolos, novas referências de poder, na moda, na indústria automóvel, no cinema, na televisão. Os centros comerciais convertem-se em templos...

O Internacionalismo Empresarial só acredita no discurso pragmático. Bill Gates está muito ocupado produzindo máquinas de sofisticadas funções, para que possa pensar em

Deus, está muito ocupado para pensar no homem. Deus e o homem foram substituídos pelo Capital e pela Tecnologia».

Assim, o homem sentiu-se ainda e mais só, perdido, assustadoramente atraído pelo vazio, tal como refere Jaime Milheiro¹⁷ «só se acomoda se fugir de si, se, se transformar em agorafóbico de si! O vazio será uma agorafobia, o que resta depois do medo e da fuga».

O vazio que se instalou no homem é a ausência de si próprio, a capacidade que terá perdido de olhar dentro de si, talvez escusando-se a participar no projecto da criação, na sua unificação com o Macrocosmos.

Levi-Strauss em *Anthropologie Structurale* afirma que: «na sociedade mecânica já não há lugar para o tempo mítico». ¹⁸

Aos poucos fomos nos esquecendo de como se fazem as coisas, de como se molda a madeira, de como se fundem os metais, de como se talha a pedra e se fazem as abóbadas. E fomos criando sucedâneos querendo convencemo-nos de que trabalhamos os originais. O artesão esqueceu as suas mãos e os materiais, os mestres foram engolidos pelas cinturas industriais e não mais se ouviu falar deles. E o sonho passou a ser servido em embalagens de plástico, como se de *fast-food* se tratasse.

E assim vazio de si, só, em solidão, o homem tenta desesperadamente aproximar aldeias, vilas, cidades e continentes. Trazê-los para junto da sua porta, ali ao alcance da sua mão, e constrói auto-estradas, estende o TGV e os aviões, e os foguetões e os satélites, e a Internet. Enfim, as tão faladas auto-estradas da comunicação, numa procura desenfreada de encurtar distancias, julgando estar assim mais próximo dos outros. Ingénua pretensão.

E cria linhas telefónicas SOS, para os solitários, os desesperados em busca de uma voz amiga, de alguém pronto a escutar, e o homem rodopia em torno de si e olha-se ao espelho sem se ver e inventa novas e mais sofisticadas formas de suicídio colectivo.

¹⁷ Director da Revista Portuguesa de Psicanálise – in “Folheto dos colóquios da Psicanálise e Cultura” - 1998

¹⁸ C. Levi-Strauss, *Anthropologie Structurale*, Paris, Plon, 1974

E novamente olha à sua volta e não conhece o vizinho da frente, nem ninguém na multidão com que se cruza no metropolitano ou no autocarro. Todos atingem o estatuto de anónimos, e o homem fala sozinho, tentando remediar e esquecer que não tem com quem falar, com quem comunicar. Simples actividade do dia a dia e um dos mais antigos ritos sociológicos

Hoje o homem encontra-se na amálgama do cimento desordenado, perdeu o quintal e o cão, sabe das estações do ano mas não vê os seus sinais. Apenas vê violência gratuita e pressa e necessidade de ter, e drogas e faz de conta. A Lua e Marte¹⁹ já não são planetas que influenciam a vida dos mortais e fazem correr a imaginação em noites de verão, transformaram-se apenas em metas a atingir, em rotas de naves espaciais. O virtual e o real; parece que é, mas não é, é não sendo. O homem tem de um lado, um novo Caos, que se torna cada vez mais real, e do outro um quase vazio; a falta de referenciais, que foi perdendo aos poucos, despreocupadamente sem disso se dar conta.

O homem que como ser social, procurou os seus semelhantes, desenvolveu necessidades de grupo, criou regras e adoptou interesses comuns²⁰, decidiu onde morar, a sua casa passou a ser o «sítio» onde o homem se encontra e sonha e procria e descansa, um refugio seguro, um espaço sagrado²¹, portanto um local a respeitar e a preservar. Criou o «centro», o seu «centro», recriando o mito, transformando o Caos em Ordem.

Edificou em torno da igreja, do pelourinho ou da árvore grande, criou o «Largo» à volta do qual tudo se passava e onde ao fim do dia se fazia o balanço do labor, se ria das alegrias e se lamentavam as tristezas, onde se encontrava com os outros, de onde se partia e onde se chegava, onde parava a camioneta da

¹⁹ Isaura de Oliveira Marques, *O que faz uma architecta em Sociologia das Religiões*, policopiado, Lisboa, UNL, 1999

²⁰ Isaura de Oliveira Marques, *Op. Cit.*

²¹ Esta noção de casa/espço sagrado é bem visível nos Judeus, onde se faz a separação entre espaço sagrado e espaço pagão. A Mezuzah colocada na ombreira da porta e onde ao entrar e sair de casa se passa a mão que depois se beija é bom exemplo disso, a palavra de Deus a sacralizar o espaço.

“... Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu poder.

E estas palavras que hoje te ordeno, estarão no teu coração. ...

E as escreverás nos umbrais da tua casa, e nas tuas portas. ...” (Deut. 6: 5,6 e 9)

carreira, se faziam as festas, e onde estava a *venda*. Moisés Espírito Santo refere, sobre a origem da Freguesia Rural²²:

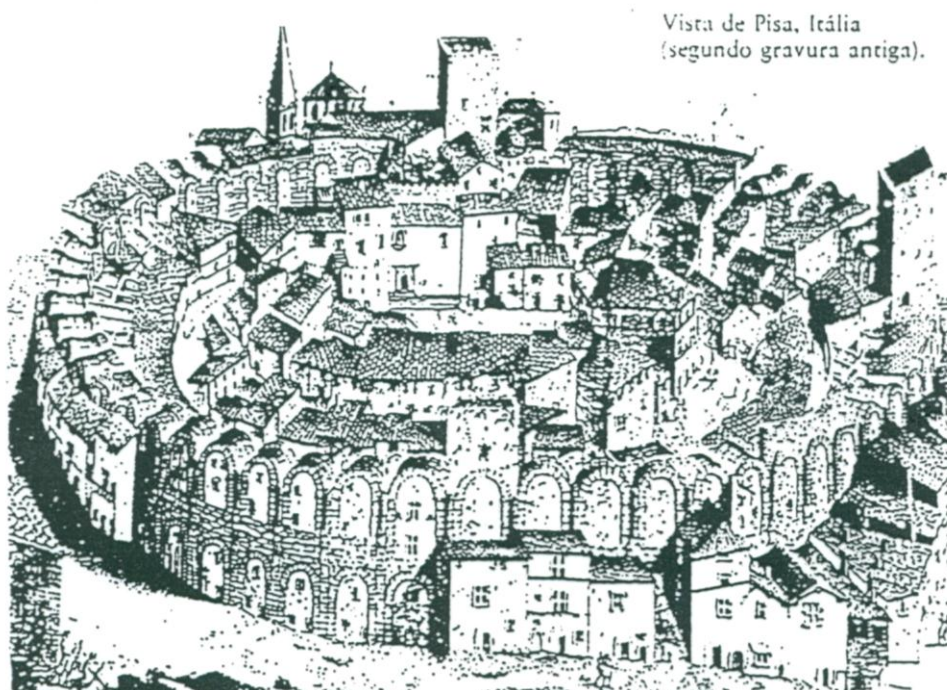
«Todos estes assuntos são tratados numa assembleia de vizinhos dita *conventus vicinorum*; o local da sua reunião era um ponto central, geográfico ou convencional, definido por uma velha árvore, um mastro que derivou em coluna de pedra (pelourinho) que, entre os antigos povos mediterrânicos, simbolizava o “centro” do território e que os acompanhava nas suas deslocções ou acampamentos como um sinal de orientação cósmica, e mais tarde, um cruzeiro, uma ermida ou igreja».

O «centro», como sustenta Roland Barthes apresenta-se como um lugar completo para se sonhar e em relação ao qual nos dirigimos ou nos retiramos, numa palavra, um lugar para nos inventar-mos.



Uma aldeia dos Bororos, na Amazônia, com a casa de encontro ao centro.

²² Moisés Espírito Santo, *Comunidade Rural ao Norte do Tejo. Seguido de Vinte Anos Depois*, Lisboa, Associação de Estudos Rurais, Universidade Nova de Lisboa 1999, pg. 23



Esse «centro», o homem transportou também para a sua casa onde em sinal de respeito pelo local sagrado que era, não se entrava de cabeça coberta, o chapéu ou a boina ficavam logo à entrada.

Mas os tempos empurram-no para fora do seu «Centro» em busca de «melhoria de vida», e o seu espaço dessacraliza-se. Mircea Eliade refere:

«a revelação de um espaço sagrado permite que se obtenha um “ponto fixo”, e permite, portanto, a orientação na homogeneidade caótica, o “fundar o mundo” e viver realmente. Pelo contrário, a experiência profana mantém a homogeneidade e portanto a relatividade do espaço. Já não é possível nenhuma verdadeira orientação porque o “ponto fixo” já não goza de um estatuto ontológico único; aparece e desaparece segundo as necessidades diárias. A bem dizer, já não há “Mundo”, há apenas fragmentos de um universo fragmentado, massa amorfa de uma infinidade de “lugares” mais ou menos neutros onde o homem se move, forçado pelas obrigações de toda a existência integrada numa sociedade industrial»²³

Assim o desenraizado, naufraga num sem número de solicitações que se ultrapassam sucessivamente a um ritmo estonteante. É preciso estar mais perto de, fazer parte de. É preciso ter, chegar a tempo, e o quintal, o «Largo», estão cada vez mais longe.

Lima de Freitas diz-nos que a «vida intra-muros do homem urbanizado acaba por aliena-lo do mundo natural de que depende a sua própria sobrevivência».²⁴ Assim perdendo ou esquecendo as suas referências, o homem adopta as que estão mais à mão, ou lhe são propostas a preços “módicos” ou em suaves prestações mensais, tal como o carro, o apartamento, o computador do rapaz e a semana no Algarve, que é para onde vai toda a gente.

«Sem disso se dar conta, obscuramente, todo o “cidadão civilizado” das modernas urbes assume, alternadamente, o papel de Teseu e de Minotauro, de Dédalo e de Ícaro; ora herói ora vítima, ora inventor, construtor, carcereiro, ora ébrio de evasão e de excesso, a cidade aparece-lhe sucessivamente como uma monstruosidade e como uma comodidade, como o lugar do abundante e do intenso como o antro

²³ M. Eliade, Op. Cit., pp. 37-38

²⁴ Lima de Freitas, *O Labirinto*, Lisboa, Ed. Arcádia, 1975

da agonia, a cruz do seu desmembramento, o pesadelo da sua dissolução no múltiplo»²⁵

Deste modo, sem casa, (morando apenas num «edifício de habitação») sem «Largo», sem quintal, sem cão, com prestações, o homem rodopia e sente-se peado e perdido e vazio, tem telemóvel (quem não tem) mas não tem a quem telefonar. Balbucia palavras, mas ninguém o ouve, nem ele próprio já se ouve. E corre e foge, de tudo e de todos e de si próprio.

— «Não há ninguém para me ouvir!»

E desespera e quer partir sem saber para onde, por vezes para a viagem sem regresso.

José Trigo de Sousa, Psiquiatra, refere em entrevista à «*Gazeta do Sul*», que: «o isolamento é talvez o factor mais importante no suicídio. As pessoas suportam muito melhor a desgraça, a doença, do que a solidão». Mais à frente: «há uma certa nostalgia associada um pouco à falta de qualquer coisa que não se sabe; a procura». E diz ainda que a doença que leva mais pessoas a procurar ajuda psiquiátrica é a infelicidade.²⁶

²⁵ Lima de Freitas, *Op. Cit.*,

Eduardo Olímpio em *Às Cavalitas do Tempo* sob o título de «Castrado» escreve:

«Dava grandes voltas em roda da mesa, como cão de pastor a quem tivessem trazido para a cidade. e a verdade é que ganhava bem, a casa sempre era melhor que a casita que tinha lá na terra parecia, às primeiras, que tudo batia certo. só a ele é que não voltas e mais voltas, ou copo e mais copo, raio de vida era a vida da cidade. — ó homem, mete-te num cinema, desses que há prá gente se rir. — rir! Quem é que pode rir com uma faca, um pau, ou lá o que era, a modos que cravado na ideia?

Bebeu mais um copo da medronheira e, mais afoito, aventou à mulher: — e se voltássemos prá nossa casa, amanho as nossas terras, e mandássemos esta cidade toda à fava? — Oh! Homem, se tu quiseses, eu cá não te sirvo de impecilho: não te quero é ver por aí como cão que não tem árvore onde mije.

Então, tá dito: no fim-de-semana, ala daqui que é um deus te abençoe. Sabes, mulher, eu já nem sabia se era um homem ou um espantalho. Andava a modos que com uma falta de vento, de aragem, que até chorava sozinho. e ainda há outra coisa, Joana: já reparaste que, em cinco anos de casados, estes doze meses que a gente aqui viveu foi o único ano em que não tiveste um filho?» (Eduardo Olímpio, *Às Cavalitas do Tempo*, Lisboa, Prelo Editora, 1974, p. 26).

²⁶ *Gazeta do Sul*, 30 de Junho de 2000

Mas também onde está Deus para o ajudar? O homem procura e não o encontra, já não se manifesta como no deserto a Araão, Jacob, David ou Moisés. E depois seria impensável que o fizesse em plena hora de ponta na Avenida da Liberdade, na 5ª Avenida em N.Y. ou na Young Street em Toronto, e o homem sente-se uma vez mais só. O que ele se esqueceu é que a Palavra revelada diz: «E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só»²⁷, não é portanto bom que ninguém esteja só. Mas não foi apenas isso que esqueceu, o que o homem esqueceu também, foi de Lhe dar oportunidade, espaço no seu coração para que Ele se manifeste, de o procurar no sítio certo, «procurava-te fora e tu estavas dentro» como diz Santo Agostinho.

Quando Elias foge para o monte Sinai, descobre que Deus se manifesta nas pequenas coisas.

«O Senhor disse então a Elias: «Sai daí e põe-te de pé diante de mim no cimo do monte.” De facto o Senhor estava a passar; um vento forte e violento fendeu os montes e quebrou as rochas, mas o Senhor não estava no vento, houve um tremor de terra, mas o Senhor não estava no tremor de terra.

Depois do tremor de terra, houve um fogo, mas o Senhor não estava no fogo.

Depois do fogo, ouviu-se o murmúrio de uma leve brisa. Elias, ouvindo isto, cobriu o rosto com a capa, saiu e pôs-se à entrada da caverna, quando ouviu uma voz a dizer-lhe: «Que fazes aqui, Elias?»²⁸.

Deus estava então na «leve brisa», é aí que o homem procura, pois Deus manifesta-se no coração de quem está à escuta. Quarenta anos vagueou o Povo Escolhido no deserto até ganhar o direito a entrar na Terra Prometida. Essa é a viagem, a verdadeira procura, a da Terra Prometida dentro de nós, para nos unirmos, nos religarmos ao que nos transcende. Ezequiel sobe aos céus num

²⁷ Génesis 2.18

²⁸ I Reis 19:11 a 13

carro de fogo, em fogo e luz, ao encontro do Criador e da unificação consigo próprio.

«*Eu Conheço o Deus Que Reside no Homem*²⁹», o homem religioso procura através do processo de *religare* fazer essa reconciliação.

²⁹ Inscrição no Túmulo de PAHERI, Governador d'EL KAB – séc. XV a.C. - Tradução de M. GUILMOT

A PALAVRA

(... "E era toda a terra de uma mesma língua e de uma mesma fala. ...)

Gênesis 11:1

Segundo o Dicionário de Português da Porto Editora, 4ª Edição de J. Almeida Costa e A. Sampaio e Melo, PALAVRA é um som ou conjunto de sons articulados que têm um sentido; vocábulo; locução; faculdade de falar; ensinamento; doutrina; promessa verbal; interjeição designativa de afirmação.

Difícil será imaginarmos a evolução que teria tido a Humanidade se não fosse provida da faculdade de falar. Atribuímos pois facilmente e sem qualquer controvérsia uma cabal importância à fala, no entanto a fala é possível apenas pela PALAVRA.

Vivemos assim da fábula, fabular, falar. Falar tornou-se pois um dos mais antigos ritos sociológicos, e a tradição oral o acesso primeiro ao conhecimento e o veículo por excelência da memória ao longo dos tempos.

A PALAVRA banalizou-se e perdeu nos nossos dias importância e poder, por isso valorizamos cada vez mais o silêncio, por forma a devolver, de preferência valorizada, essa importância e poder à PALAVRA sob pena de nos encontrarmos, cada vez mais sozinhos connosco próprios nos desertos que vão crescendo assustadoramente, deixando-nos apenas por companhia a solidão e o facto de não termos com quem falar, que é afinal o pior dos castigos. Mas apenas o deserto nos poderá redimir e devolver a consciência, de que, pelo silêncio chegaremos à importância da PALAVRA.

PALAVRA do hebraico «DABAR» e facto curioso, deserto diz-se «MIDBAR» cujo significado é: «QUE PALAVRA?», e interrogam-nos, que PALAVRA virá do deserto? No entanto TEBAH, significa também ao mesmo tempo ARCA e PALAVRA, Noé salva-se com o cadinho da criação por se ter envolto, refugiado na ARCA e simultaneamente na PALAVRA.

MILAH pode significar também igualmente PALAVRA e CIRCUNCISÃO, ou seja, a circuncisão enquanto testemunho da aliança de Deus com Abraão como sinal de pertença a Deus.

«Disse Deus a Abraão: Tu, porem, guardarás o meu concerto, tu, e a tua semente depois de ti, nas suas gerações.

Este é o meu concerto, que guardareis entre mim e vós, e a tua semente depois de ti: Que todo o macho seja circuncidado.

E circuncidareis a carne do vosso prepúcio; e isto será por sinal do concerto entre mim e vós».³⁰

A circuncisão é pois a inscrição da PALAVRA no próprio corpo, para que o homem mesmo quando está nu, despido de todas as honrarias veja em si a afirmação da própria PALAVRA.

Em *O Médico de Córdoba* Moisés Maimon diz:

«Aos seis anos, e a menos que tenha nascido idiota, surdo-mudo ou cego, ele será proprietário da leitura e da escrita, bens que nenhuma perseguição pôde ou poderá jamais tirar-lhe.

Que no futuro venha a ser cantoneiro ou médico-filósofo não me importa, pois terá reconfirmado a aliança com o Verbo, o nosso pacto sagrado».³¹

É pois necessário voltar à PALAVRA, ao deserto interior, ao refúgio da ARCA, ao silêncio, para chegarmos também à necessidade de resguardarmos a PALAVRA no mais fundo de nós em segredo.

Segredo esse aliás há muito desvendado pelos poetas, que através da poesia (pedra fundamental e privilegiada para reproduzirmos o sentimento do belo e podermos fazer uma síntese da nossa interioridade espiritual), lhe devolveram a sua primordial beleza.

E no primórdio, no princípio,

«No princípio era o Verbo, e o verbo estava com DEUS.

Ele estava no princípio com DEUS.

Todas as coisas foram feitas por Ele, e, sem Ele, nada do que foi feito se fez.

Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens»³²

³⁰ Génesis 17:9,10,11

³¹ Le Porrier, Herbert, *O Médico de Córdoba*, Lisboa, Bizâncio 1998

³² S. João 1:1 a 4

A PALAVRA tem pois início antes do início, e poder sobre todos os poderes, porque a PALAVRA é DEUS.

No mito Cananita (Pré Hebraico) de Lilit, DEUS criou Adão e Lilit e impôs-lhes a proibição de não pronunciarem o nome de DEUS, proibição que não seria cumprida e que por tal Lilit viria a ser transformada em serpente.

No antigo Egito, Thot era adorado como uma verdadeira divindade lunar, Senhor e multiplicador do tempo, escriba celeste e guardião dos destinos individuais, inventor da escrita e de toda a sabedoria e patrono da magia.

Segundo os ensinamentos do Grémio dos Sacerdotes, da cidade santa de Hermopolis no Alto Egito, Thot era o demiurgo universal que criou o mundo ao som da sua voz, trazendo-o à existência através de uma única palavra poderosa.

Segundo o Antigo Testamento, no «Santo dos Santos», câmara do Templo onde se guardava a ARCA DA ALIANÇA, apenas o Sumo Sacerdote tinha acesso para, uma vez por ano, aí proferir o verdadeiro nome de DEUS, a Vibração Suprema, “...após o que uma tempestade de areia se levantava sobre a cidade e o deserto”.

No “ Pêndulo de Foucault ” de Umberto Eco, Diotalleve diz a Jacopo Belbo:

«Mas na realidade o verdadeiro nome de Deus, o secreto, é tão comprido como toda a Torah e não há máquina no mundo capaz de esgotar as suas combinações.... A máquina existe é claro... é a Santa Cabala ou Tradição, e os rabinos andam há séculos a fazer o que nenhuma máquina poderá fazer nunca, e esperemos que nunca o faça, porque quando se esgotasse a combinatória, o resultado teria que permanecer secreto e de qualquer modo o Universo cessaria o seu ciclo».

Mais à frente numa cama do hospital Diotalleve volta a dizer a Belbo:

«Pecámos contra a PALAVRA, a que criou e mantém de pé o Mundo. Tu agora estás a ser punido, tal como fui punido eu. Não há diferença entre mim e ti....”, e pouco depois cita-lhe uma pequena frase de Torah: “.... A PALAVRA.... só se revela ao que a ama».

Procuramos assim desde o início a PALAVRA CRIADORA ou a PALAVRA PERDIDA ou o nosso próprio caminho, ou sentido da nossa viagem.

Marc-Alain³³ diz que um livro é livro se tiver 85 letras, e 85 em Hebraico é igual a PÊH que significa BOCA, um livro é portanto livro se for boca, ou seja, se for um lugar de PALAVRA, se for gerador de PALAVRA.

A primeira PALAVRA dos dez Mandamentos ou das dez Palavras é ANOKHI que em Hebraico significa EU SOU, e em Aramaico, EU MINHA ALMA DEI-A POR ESCRITO. A letra é assim a forma da PALAVRA.

No nosso alfabeto escrevemos alinhando as letras por baixo, ou seja acima da linha, em Hebraico alinha-se por cima, ou seja abaixo da linha, mas curiosamente a ultima letra da TORAH é o LAMED [ל], que significa ENSINO/ ENSINAMENTO e está escrito entre a linha, abaixo e acima, passa além dos dois limites. A última LETRA/ PALAVRA, passa além dos limites, transcende os próprios limites. A PALAVRA é pois aquilo que fica como mensagem para sempre.

A PALAVRA sacraliza e consagra e a sua liturgia transmite e congrega os fiéis.

Nas escolas coranicas repete-se à exaustão o Corão, o mesmo fazem os Budistas recitando a Tripitaca ou os Mantras de uma forma ritmada, cadenciada, produzindo energia, elevando o espírito.

A reza (exercício da palavra) a par com a meditação (silêncio) é pois a forma suprema de elevação, de iluminação.

— « Avé Maria cheia de Graça ». Não esqueçamos que Maria concebeu pela PALAVRA, ou pelo sopro do Espírito Santo³⁴.

«Disse-lhe então, o anjo:

Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus:

E eis que em teu ventre conceberás e darás à luz um filho, e

pôr-lhe-ás o nome de Jesus,

³³ Marc-Alain Ouaknim, *Le Livre Brûlé-Philosophie du Talmud – Sagesses*, Lieu Commun, Paris [1986] 1993

³⁴ Segundo a Tradição Oral, Moisés morreu frente à terra prometida no cimo do monte com um beijo de Deus, que lhe tira a vida, ou lhe dá a Vida, com o sopro da vida eterna, o mesmo sopro com que também cria Adão. «E formou o Senhor Deus o homem do pó da Terra, e soprou em seus narizes o fôlego da vida: e o homem foi feito alma vivente» (Gênesis 2:7)

... E disse Maria ao anjo: como se fará isto, visto que não conheço varão?

E respondendo o anjo disse-lhe: - Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra, pelo que, também, o Santo que de ti há-de nascer, será chamado Filho de Deus...

...Disse então Maria: Eis a serva do Senhor; cumpra-se em mim segundo a tua PALAVRA.

E o anjo ausentou-se dela».³⁵

Na tentação de Jesus, o Diabo disse-lhe:

«se tu és o filho de Deus dize a esta pedra que se transforme em pão. E Jesus respondeu dizendo: Está escrito que nem só de pão viverá o homem mas de toda a palavra de Deus».³⁶

Voltemos à tradição oral, aos ritos verbais, às histórias contadas à volta da fogueira, onde como diz a canção, os meninos «vão aprender coisas de sonho e de verdade», e os adultos vão preservar a memória e salvaguardar heranças. Dos lábios de uns aos ouvidos de outros vai passando o conhecimento, a fantasia e o existir colectivo.

E as rezas³⁷ populares? As fórmulas para esconjurar? Recitadas por *Benzedeiras* ou *Tecedeiras* transmitidas misteriosamente de Avó em Avó, para limpar do mau-olhado ou da inveja ou encontrar um objecto perdido ou curar um pé torcido: - «carne crua nervo torto». Poderíamos facilmente referir um sem número de rezas e ladainhas mágico-sagradas com fins diferentes. E quanto ao seu poder? À sua eficácia real, será que no fundo de nós próprios duvidamos sinceramente que o tenham?

³⁵ S. Lucas 1: 26,38

³⁶ S. Lucas 4 : 34

³⁷REZAR, «acto de dirigir-se a uma divindade, que etimologicamente significa recitar, dizer uma fórmula». Moisés Espírito Santo, *Religião Popular Portuguesa*, Assírio & Alvim, Lisboa, 1990, p, 145

Não resisto a referir uma descrição de ANDREW TOMAS: “... Na Índia Ocidental, próximo de POONA, encontra-se, na estrada de SATARA, a vila de SHIVAPUR, que possui uma pequena mesquita erigida à memória de QAMAR ALI DERVICHE, um Santo da seita dos Sufis. Em frente da mesquita estão duas grandes pedras de granito arredondadas; uma delas pesa 55 quilos e a outra, mais pequena, apenas 41 quilos.

Todos os dias, grupos de peregrinos e de visitantes colocam-se à volta dessas pedras, tocam-nas com o indicador e gritam num tom penetrante, o nome sagrado de “QAMAR ALI DERVICHE”. Apenas onze pessoas podem rodear a pedra mais pesada. De repente vê-se a pedra afastar-se do chão, perder todo o seu peso e elevar-se, em alguns segundos, a uma altura de dois metros; mantém-se no ar durante um instante e cai no solo rapidamente. O mesmo se produz com a outra pedra, que é rodeada por um grupo de nove pessoas...”³⁸.

Este extraordinário fenómeno que se faz acontecer várias vezes por dia, resultado de onze ou nove indicadores e três palavras ditas em uníssono e num “ tom penetrante “, onde qualquer um pode participar independentemente da sua religião e para o qual poderíamos dar tantas explicações quantas a mente e a imaginação pudessem produzir, ou pelo contrário não dar nenhuma. O facto é que o facto existe, contrariando todas as leis da física, e a PALAVRA assume-se uma vez mais indiferente à nossa credulidade ou incredulidade.

A PALAVRA é pois o VERBO e o verbo em qualquer frase é a acção, o acto de fazer.

A PALAVRA faz-nos sonhar, que o digam as dezenas de pessoas que todos os dias ao entardecer em MARRAKECH na praça Dj’má El-Fná se juntam à volta dos contadores de histórias, e com sorriso nos lábios navegam de encontro aos seus sonhos, às suas fantasias e ao seu imaginário

A PALAVRA ...com ela damos nome, e o que não tem nome não existe de facto está por nascer!

³⁸TOMAS, ANDREW – Os segredos da Atlântida, Bertrand, Lisboa, 1977, p, 135

A Palavra que Cria

Saber escutar, o monólogo e o silêncio, o não dito não é mais que a palavra dada ao outro. Saber ouvir é assumidamente o exercício da palavra, a atitude.

Mesmo o monólogo, leia-se o tempo que damos ao outro para falar, acaba para ser para o outro, pois de qualquer modo o monólogo não existe se não for ouvido ou lido por alguém, ou até aquele que fala, fala consigo próprio como se fosse outro. O não dito, a não palavra tem que fazer parte do tempo que se dá.

O não dito no entanto não se pode tornar na incapacidade de falar, de transformar o monólogo em diálogo. Não esqueçamos que a origem do assassinio é a não palavra, a incapacidade de falar.

O primeiro assassinio ocorreu porque dois homens estavam juntos e não disseram nada um ao outro, o resultado foi Cain matar Abel.

Se realmente disseram alguma coisa, não sabiam o que dizer. As palavras deles eram uma não palavra, afinal um silêncio, de tal violência que conduziu ao assassinio.

Por outro lado não podemos esquecer a Pergunta e a Resposta, questionar e deixar questionar, dar espaço á interrogação. Interrogar é organizar. A resposta não se encontra nela própria, mas sim na pergunta. É necessário pois manter a pergunta, porque «não responder» é manter em aberto a pergunta.

Não apagar a pergunta é não preencher o vazio no interior do homem, esse vazio que permite ao homem questionar, procurar esse vazio que está na palavra do homem.

Há uma espécie de violência no facto de dar a resposta, por vezes necessitamos de ser nós a encontrar a resposta para a termos como verdadeira, como validada.

A resposta pode vir extinguir a pergunta, anular o vazio matricial, o vazio fecundo. Pode-se pois correr o risco de deixar de ter capacidade de

oferecer ao outro uma palavra que lhe permita construir o seu futuro, pois a palavra que o homem possui significa liberdade de criar o seu mundo, um mundo novo, mas também capacidade para o destruir por essa mesma palavra.

Não esqueçamos que o mundo foi criado pela PALAVRA «E Deus disse: Faça-se Luz! e fez-se Luz».

Por outro lado, se não houver palavra, diálogo, silêncio, tempo para calar, para ouvir e tempo para falar, o mundo não é criado. Vejamos a analogia: O Lago Tiberiades é lago de vida porque acolhe o Jordão, enche-se com a sua água e liberta-a mais adiante, recebe e dá. Pelo contrário, o Mar Morto, recebe o Jordão, toma a sua água mas não torna a dar absolutamente nada. Podemos dizer que teremos encontrado uma definição muito concreta de morte; - o que é capaz de receber, mas não volta a dar.

Seria se quisermos a capacidade de dizer «Eu», mas a incapacidade de dizer ao outro «Tu», ou seja a impossibilidade de partilhar.

O TEMPLO UM LUGAR SAGRADO

*“Nisi Dominus aedificaverit domum, in vanum laboraverunt qui
aedificant eam.”*

(Se Deus não edificar a Casa em vão trabalham os que a constroem)

Vésperas – Monteverdi 1610 Mântua – Salmo 126 Nisi Dominus

«Abri-me as portas da justiça, para que eu entre e dê graças ao Senhor!

Esta é a porta do Senhor, por onde devem entrar os Justos...

A pedra reprovada pelos construtores tornou-se a pedra angular.

*O Senhor é o que faz isto, e isto é o que a nossos olhos parece digno de
admiração. ...»*

S.117

Se tivermos Templo como monumento em honra de uma divindade, edifício destinado ao culto de uma religião, estamos já a definir à partida o primeiro pressuposto.

Etimologicamente, ambas as palavras *templum* do latim, e *temenos* do grego, são provenientes de uma mesma raiz que significa «cortar», «separar». Então um Templo começa pois por ser um edifício que ao ser construído com finalidades precisas, diferentes das habituais, e em local próprio (separado dos seus congéneres) passa a ser protegido por interdições, tornou-se no *outro*. É um local sagrado, a casa de Deus, a porta para o plano do divino, o local da hierofania, de contacto, de comunhão com o Criador.

Assume-se portanto que não há homogeneidade no espaço, há locais diferentes dos outros, tal como refere Mircea Eliade³⁹.

«E vendo o Senhor que se virava para lá a ver, bradou Deus a ele, do meio da sarça, e disse: Moisés, Moisés. E ele disse: Eis-me aqui. E disse: Não te chegues para cá; tira os teus sapatos dos teus pés; porque o lugar em que tu estás é terra santa».⁴⁰

Vejamos ainda esta passagem do livro dos Génesis.

«Partiu, pois, Jacob de Berseba, e foi-se a Haran: E chegou a um lugar onde passou a noite, porque já o sol era posto; e tomou uma das pedras daquele lugar, e a pôs por sua cabeceira, e deitou-se naquele lugar.

E sonhou: e eis uma escada era posta na terra, cujo o topo tocava nos céus: e eis que os anjos de Deus subiam e desciam por ela;

³⁹ ELIADE, Mircea – O Sagrado e o Profano – Lisboa, Livros do Brasil, pp 35 e segs.

⁴⁰ Êxodo 3: 4,5

E eis que o Senhor estava em cima dela, e disse: Eu sou o Senhor, o Deus de A'braão, teu pai, e o Deus de Isaac: esta terra em que estás deitado, ta darei a ti e à tua semente... ..

Acordado, pois, Jacob do seu sono, disse: Na verdade o Senhor está neste lugar; e eu não o sabia.

E temeu, e disse: Quão terrível é este lugar! Este não é *outro lugar* senão a casa de Deus; e esta é a porta dos céus.

Então, levantou-se Jacob pela manhã de madrugada, e tomou a pedra que tinha posto por sua cabeceira, e a pôs por coluna, e derramou azeite por cima dela.

E chamou o nome daquele lugar Betel: o nome, porem, daquela cidade, dantes, era Luz.

E Jacob votou um voto, dizendo:

E esta pedra que tenho posto por coluna será a casa de Deus».⁴¹

Jacob ao ungir a pedra, tornou-a em *Cristos* (o ungido), e Cristo é a casa de Deus – Beth-el.

Segundo a tradição Rabínica foram doze as pedras que Jacob reuniu em coluna, e que ao voltar àquele lugar estas se tinham tornado numa só – a pedra da fundação da casa de Deus e de Israel –. Temos então a primeira antevisão do Templo anteceder da visão da escada «posta na terra, cujo topo tocava nos céus» – SCALA COELI – a ligação de dois planos.

Mais tarde Deus diz a David:

«Não edificaras casa em meu nome, porque és homem de guerra, e derramaste muito sangue... Teu filho Salomão ele edificará a minha casa e os meus átrios»⁴²

Porque só então foi chegada a hora,

«antes David tinha querido edificar o Templo, e a palavra do Senhor veio a Natan dizendo: - Vai, e dize a David, meu servo: Assim

⁴¹ Gênesis 28:10,11,12,13,16,17,18,19,20,22

⁴² I Crônicas 28:3,6

diz o Senhor: Tu não me edificarás uma casa para morar; Porque em casa nenhuma morei, desde o dia em que fiz subir a Israel, até ao dia de hoje; mas fui de tenda em tenda, e de tabernáculo em tabernáculo. Por todas as parte por onde andei, com todo o Israel, porventura falei alguma palavra a algum dos Juízes de Israel, a quem ordenei que apascentasse o meu povo, dizendo: Porque não me edificais uma casa de cedros?

- Agora pois, dirás a meu servo, a David: Assim diz o Senhor dos exércitos:... E há-de ser que quando forem cumpridos os teus dias, para ires a teus pais, suscitarei a tua semente depois de ti, a qual será dos teus filhos, e confirmarei o seu reino.

Este me edificará casa; e eu confirmarei o seu trono para sempre»⁴³

O primeiro Templo não foi pois construído, edificado quando o homem o desejou, nem tão pouco num lugar ao acaso.

«Então o anjo do senhor disse a Gad, que dissesse a David, que subisse David para levantar um altar ao Senhor, na eira de Ornan, Jebuseu»⁴⁴

«E começou Salomão a edificar a casa do Senhor, em Jerusalém, no monte de Moriá, onde o Senhor se tinha mostrado a David, seu pai, no lugar que David tinha preparado na eira de Ornan, Jebuseu».⁴⁵

Os planos da construção também não foram traçados como se de outro edifício qualquer se tratasse.

«No ano vinte e cinco do nosso cativeiro, no princípio do ano, no decimo dia do mês, catorze anos de pois que a cidade foi ferida, naquele mesmo dia, veio sobre mim a mão do Senhor, e me levou para lá.

⁴³ I Crónicas 17:4,5,6,7,11,12

⁴⁴ I Crónicas 21:18

⁴⁵ II Crónicas 3:1

Em visões de Deus, me levou à terra de Israel, e me pôs sobre um monte muito alto, e havia sobre ele um como edifício de cidade para a banda sul». ⁴⁶

«Tu, pois ò filho do homem, mostra à casa de Israel esta casa, para que se envergonhe das suas maldades: sirva-lhe ela de modelo.

E envergonhando-se eles de tudo quanto fizeram, faz-lhes saber a forma desta casa, e a sua figura, e as suas saídas, e as suas entradas, todas as suas formas, e todas as suas leis; e escreve isto aos seus olhos, para que guardem toda a sua forma, e todos os seus estatutos, e os cumpram.

Esta é a lei da casa: sobre o cume do monte, todo o seu contorno em redor será santíssimo; eis que esta é a lei da casa». ⁴⁷

O Templo Terrestre é pois realizado segundo um arquétipo celeste, resultante da evocação desta visão de Ezequiel da Jerusalém Celeste.

«David entregou a Salomão o projecto do átrio do Templo, da parte das salas do tesouro, das salas do andar de cima, dos compartimentos interiores e do lugar santíssimo...

...David informou que tudo isto estava contido num documento escrito, conforme as instruções que tinha recebido do Senhor, onde se explicava a maneira de realizar todo o plano». ⁴⁸

Segundo a tradição Etíope, o Príncipe Lalibela após ter sido envenenado pelo seu meio irmão o Rei Harbé, «mergulhou o jovem Príncipe num sono cataléptico», e durante esse tempo terá sido levado por anjos, «até ao primeiro, ao segundo, e ao terceiro céu» onde para além de outras coisas, Deus lhe terá dito que o seu destino seria construir uma série de igrejas maravilhosas como o mundo não tinha visto, tendo-lhe dado para isso instruções detalhadas para a sua construção, a forma que cada igreja deveria de ter, a sua localização e até das decorações interiores e exteriores.

⁴⁶ Ezequiel 41:1

⁴⁷ Ezequiel 43:10,11,12

⁴⁸ I Crónicas 28:11,19

Igrejas estas que podem ainda hoje ser admiradas na antiga cidade de Roha que recebeu o nome de «Lalibela» em sua honra e que continuam nos nossos dias a ser locais de oração muito frequentados⁴⁹.

A construção de um Templo, que é o *hall* entre o espaço profano e o espaço sagrado, que dá acesso, que permite a passagem de um plano ao outro, não é pois a aplicação pura e simples de regras de arquitectura.

A construção de um Templo, como veremos, baseia-se ou deverá basear-se em regras e princípios esotéricos que o tornam num verdadeiro condensador mágico. Vejamos o exemplo da Catedral de Santiago de Compostela, de Chartres, de Notre-Dame, etc., às quais não se pode passar indiferente, que o digam as centenas de peregrinos ou simples turistas que dia a dia ali afluem, muitos deles apenas para entrar e contemplar e permanecerem um pouco em tranquilidade e silêncio, e outros tantos sem saberem ao certo o que os atrai ou o que procuram.

Como vimos no início, um Templo não se constrói num local ao acaso, mas sim num local de intersecção de forças telúricas e cósmicas. Junto às Catedrais encontramos sempre (mesmo os mais cépticos) radiações que emanam do mais profundo da terra em direcção aos céus. Tomemos por exemplo a Ermida Siglada de Paiva, fundada por Monges Pré-Monstracenses num local onde para a água chegar foi necessário recorrer a um complexo processo de pequenas elevações e diques durante uma considerável distancia e onde as pedras para a sua construção tiveram que ser transportadas em barco e puxadas rio Paiva acima.

Construída portanto num local a evitar à partida, e no entanto os monges foram categóricos, aquele era o local. Se a escolha tivesse sido ao acaso, seria seguramente junto da pedraria necessária e onde não faltasse água.

Mas a sua construção num desses locais de intersecção de forças telúricas e cósmicas tornam-na um exemplo flagrante dessa conjugação energética de que falamos.

⁴⁹ Graham Hancock, *Em busca da Arca da Aliança*, Lisboa, Editorial Presença 1998. p,102, 103

O Templo religa o céu à terra, trata-se de uma fusão a que não podemos ficar indiferentes mesmo sem que disso nos apercebamos à primeira vista, este é o seu papel, a sua função, de equilibrar, ligar, em suma de catalisador. Função, essa que desempenha de forma invisível aos nossos olhos, mas será por isso menos real? As radiações atómicas, o banal raio X das nossas radiografias, não são também invisíveis? No entanto não é essa invisibilidade aos nossos olhos que os torna irreais e que os impede de existirem.

No entanto a escolha do local da sua construção não é a única característica de um Templo, a sua orientação é outra das características e não menos importante. Ele é pois construído em lugares escolhidos pela junção das forças telúricas que emanam do ventre da terra e das forças cósmicas que descem dos céus e está orientado de uma forma precisa.

«E levou-me para o átrio interior da casa do Senhor, e eis que estavam à entrada do Templo do Senhor, entre o pórtico e o altar, cerca de vinte e cinco homens, de costas para o Templo do Senhor, e com os rostos para o oriente; e eles adoravam o sol, virados para o oriente»⁵⁰

«Então me levou à porta, à porta que olha para o caminho do oriente. E eis que a Glória do Deus de Israel vinha do caminho do oriente».⁵¹

«Então me fez voltar para o caminho da porta do santuário exterior, que olha para o oriente, a qual estava fechada»⁵²

Santo Agostinho escreve⁵³: «Quando nos levantamos para orar, voltamo-nos para Oriente (ad orientem convertimur) de onde o céu se eleva. Não que Deus só se encontre ali, ou que tenha abandonado as outras regiões da terra... para exortar o espírito a voltar-se para uma natureza superior, que quer dizer, para Deus.».

⁵⁰ Ezequiel 8:16

⁵¹ Ezequiel 43:1,2

⁵² Ezequiel 44:1

⁵³ PL (Migne, Patrología Griega) 34, 1272 – referencia em “Vuelos Hacia el Señor” pag. 40, Monsenhor Klaus Gamber – Madrid, Ediciones “Renovación”, 1996

Encontramos também⁵⁴ no Tratado sobre Architectura do Romano Viturbio a seguinte referência: «Os Templos dos Deuses devem estar orientados de tal forma que... a imagem que se encontra dentro do Templo olhe para o ocaso, para que os que vão fazer sacrifícios estejam voltados para Oriente e para a imagem e assim ao fazerem as suas orações vejam todo o conjunto, o Templo e a parte do céu que está a levante, e que as estátuas pareçam levantar-se com o sol para olhar para os que rezam durante os sacrifícios».

Na casa de Hiparco, um dos membros das primeiras comunidades Judaico-Cristãs, havia uma sala preparada para a oração; na parede oriental estava pintada uma cruz e era aí que, com o *rosto voltado para o Oriente*, Hiparco orava sete vezes por dia⁵⁵.

São Tomás de Aquino, refere-nos também as razões da necessidade da orientação:

«É conveniente que adoremos, com o rosto voltado para o Oriente: em primeiro lugar, para demonstrar a majestade de Deus, que nos é manifestada pelo movimento do céu que parte do Oriente; em segundo lugar porque o *Paraíso Terrestre* existiu no Oriente e procuramos voltar para lá; em terceiro lugar, porque Cristo, que é a luz do mundo, é denominado Oriente pelo profeta Zacarias e, segundo Daniel “subiu ao céu” no Oriente; finalmente, porque é ao Oriente que regressará no último dia, segundo as palavras do Evangelho de São Mateus: “Como o relâmpago que parte do Oriente ilumina repentinamente até ao Ocidente, assim será o advento do Filho e do Homem”».

Já teremos reparado que durante o dia o sol percorre toda a Catedral, ela está pois *orientada* a ESTE, que quer dizer Oriente, de onde vem a luz, onde o sol se levanta. Ao meio-dia os raios solares descem sobre a nave central, e ao entardecer entram pela porta, cansados para morrer.

⁵⁴ Idem pag. 41

⁵⁵ Les Actes d’Hipparque et Philothée, citados em J. Daniélou, Théologie du Judéo-Christianisme (1960), pag. 292

Este fenómeno, por todos, facilmente observável, não é pois obra do acaso, os seus construtores sabiam o que faziam. E é um fenómeno que se repete em todo o mundo, apenas as novas igrejas esqueceram a sua finalidade, regras e tradições, assim as encontramos cada vez mais vazias, e ao entrarmos sentimos um ambiente asséptico bem diferente do que sentimos num dos Templos que atrás referimos.

Temos pois que um Templo não só não é construído num local qualquer como ainda a sua edificação obedece a regras precisas que não são simples regras de arquitectura, mas sim regras esotéricas.

Chartres, Notre-Dame de Paris, a Catedral de Amiens e Troyes ou a Basílica de Rimes, isto para citarmos alguns exemplos, estão construídas tendo por regra o número de Ouro ($\pi+1$): $2=1,618$, que lhes confere a sua harmonia e como diz o poeta as «faz cantar».

São Bernardo de Clairvaux à sua pergunta «Quem é Deus?» ele próprio responde: «Ele é comprimento, largura, altura e profundidade⁵⁶».

O número de Ouro é o resultado de cálculos complexos que remontam a Pitágoras. Segundo ele o número de ouro contém a música das esferas, dos astros. Os planetas ao descreverem as suas circunvalações cantariam como anjos.

A Pitágoras devemos também, se assim lhe podermos chamar a «invenção» da escala musical. Mas interroguemo-nos, o que é uma nota musical? É claro que é o resultado de uma vibração. Ao fazermos vibrar a corda de um instrumento musical poderemos produzir diferentes notas musicais, diferentes vibrações. Se mais próximo, uma nota grave, se mais afastado uma nota aguda, o nome da nota musical depende assim da distancia sobre a corda.

Mas vejamos com atenção mais alguns pormenores, se repararmos que a distancia que separa a partir de um ponto a nota Dó da nota Ré é equivalente, por comparação claro está, à distancia que separa os dois primeiros planetas em

⁵⁶ cit. in Robert Lawlor, Sacred Geometry. Philosophy and Practice, Thomas & Hudson, Londres, 1989, p. 10

relação ao sol e a comparação da distancia que separa as duas notas seguintes é igual à dos dois planetas seguintes e assim sucessivamente.

A escala musical encontra-se pois na mesma relação com o cosmos que os planetas. Tinha portanto razão Pitágoras, podia-se captar a música das esferas, tal como um pequeno rádio portátil pode captar o concerto da Primavera em directo de Viena.

Alexandra David-Néel em a “Dança Cósmica” diz que: “Todas as coisas... são agregados de átomos que dançam e que, por meio dos seus movimentos, produzem sons. Quando o ritmo da dança se modifica, o som que produz também se modifica... cada átomo canta incessantemente a sua canção e o som, a cada momento cria formas densas e subtis.”

Não é portanto difícil de aceitar e constatar que os Templos captem a energia cósmica e a condensem.

«E eis que eu intento edificar uma casa ao nome do Senhor, meu Deus»

I Reis 5:5

O Templo é pois edificado à glória de Deus, para que o homem se encontre com o Altíssimo, para o ligar ao cosmos, para lhe devolver poderes perdidos nos tempos, para o aproximar de si e do Criador. Quer isto dizer que o Templo é construído segundo o modelo esotérico do homem, com planos traçados por Deus.

«(...) David informou que tudo isto estava contido num documento escrito, conforme as instruções que tinha recebido do Senhor, onde se explicava a maneira de realizar todo o plano. (...)»

I Crónicas 23:19

O Homem é um pequeno Universo em relação ao grande todo. Como está escrito na Tábua Esmeraldina, atribuída a Hermes Trimegisto «...Tudo o que está em baixo é como o que está em cima. E tudo o que está em cima é como o que está em baixo. ...»

«(...) E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem,
conforme à nossa semelhança (...)»

Gênesis 1:26

Ao se construir um Templo, não se está mais que a recriar a própria criação do mundo, assumindo o homem o seu papel de continuar a criação. O Templo é assim construído segundo este princípio que explica a sua harmonia. Nada é fruto do acaso, tudo tem uma relação, um simbolismo, um traço regulador místico. É este traço tutor, este ritmo, esta harmonia, esta simbologia própria que encerra o segredo de uma harmoniosa sinfonia cósmica.

O Homem e o Templo estão pois em consonância, tornam-se um todo, vibrando em simultâneo, em contínuo, em sintonia com o cosmos, numa visão Holística que nos remete ao Teorema da Inseparabilidade da Matéria do Físico Quântico Bell (1950), onde o Universo procura a sintonização harmoniosa sem roturas, numa permuta contínua.

O Templo ao ser consagrado, passo último para se tornar em «Casa de Deus», passa a representar o «Céu sobre a Terra», a ser uma projecção do Santuário Eterno da Igreja Celeste descrita no Apocalipse. De facto, a Igreja ao ser uma cruz cardeal orientada e centrada, processos primeiros da sua fundação, está já na realidade a sacralizar o espaço, a romper assim o espaço profano para se converter em sagrado e segundo o sentido da raiz etimológica da palavra Templo, quer do latim *Templum* ou do grego *Temenos*, significam respectivamente «cortar» e «separar». Separado assim do plano profano, este espaço tornar-se-á dia a dia cada vez mais santo, espaço sacrificial de celebração de mistérios.

Segundo as tradições de Consagração e Inauguração de uma Igreja, do Ritual da Igreja Russa, aquando da erecção do Altar (parte essencial da igreja) este ritual era feito no interior do santuário, com as portas fechadas e todos os laicos eram convidados a sair.

Syméon de Thessalonica, grande comentador da Liturgia Bizantina diz que: «... a consagração da Igreja deve ser feita unicamente por santos, ou por ordenação sacerdotal, o Bispo e os padres foram já particularmente santificados ...».

Seguia-se depois a consagração e o revestimento do Altar, a unção e aspersão de toda a igreja, a deposição das relíquias e por fim a celebração da Liturgia.

O Templo deixa pois de ser matéria inerte, imutável, para se tornar vida, mensagem. E a pedra de toque para por em marcha este magnifico instrumento poderá ser por exemplo o cântico Gregoriano ou a celebração da Palavra, onde o homem se encontra de novo com valores eternos, consigo próprio, com o primórdio, onde se aproxima com o Divino.

Por isso não poucas vezes ao entrarmos numa Igreja para pensar, reflectir ou rezar porque o local nos transmite paz, segurança e tranquilidade, procuramos apenas estar em harmonia com nós próprios, em diálogo com Deus.

O GALO E A SUA SIMBOLOGIA

«Eis que canta o arauto do dia, vigilante da noite profunda...»

Stº Ambrósio

O galo, símbolo primeiro da Iniciação, enquanto anunciador da Luz e consequentemente do fim das Trevas, signo de vigilância e aparição da Luz iniciática, do verdadeiro conhecimento, arauto portanto do renascimento, anunciador da nova vida, do novo caminho, mensageiro da esperança e da elevação espiritual.

Exorcista dos temores da noite, anunciando a alvorada da luz a oriente, vigilante atento dá as boas vindas ao espírito criador, ao sol fecundo, resgatando-nos às trevas e dando-lhes abrigo de Pai, para extasiados podermos contemplar a criação, os prodígios da luz.

Santo Ambrósio no ofício de Laudes-Aetune rerum conditor – diz:

«Eis que canta o arauto do dia, vigilante da noite profunda... Ao seu grito, a Estrela da manhã repele as sombras do céu e todo o coro dos astros abandona as estradas do mundo... O galo desperta aqueles que estão deitados, admoesta os que dormem, acusa os infiéis. Ao cantar do galo, regressa a esperança, os enfermos recuperam a saúde, o ladrão oculta a sua faca, renasce a fé no coração dos pecadores...».

É também o mesmo Santo Ambrósio que chama a Jesus “gallus mysticus”, o galo fica pois ligado à imagem de Cristo, ele tal como o Messias anuncia o dia que sucede à noite, a luz que sucede às trevas. Fica ainda para sempre como o forte símbolo da negação de Pedro.

Nas últimas instruções de Jesus aos discípulos, durante a última Páscoa, á ceia, Pedro é avisado.

«...Disse-lhe Pedro: Porque não posso seguir-te agora? Por ti darei a minha vida.

Respondeu-lhe Jesus: Tu darás a tua vida por mim? Na verdade, na verdade te digo: não cantará o galo, enquanto me não tiveres negado três vezes...»

S. João 13: 37, 38

«...E um dos servos do Santo Sacerdote, parente daquele a quem Pedro cortara a orelha, disse: não te vi eu no horto, com ele?

E Pedro negou outra vez, e logo o galo cantou...».

S. João 18: 26, 27

O galo está desde sempre ligado a uma forte mística desempenhando um papel de grande carisma espiritual e com forte aceitação no imaginário colectivo. Segundo a crença popular, quem matar um galo «tem sete anos de desgraça», uma vez que o seu canto afugenta os maus espíritos e as calamidades.

Como anteriormente referimos ele dá-nos abrigo de Pai. Moisés Espírito Santo em *A Religião Popular Portuguesa* diz-nos que:

«o galo enquanto “animal totémico” deve ser morto ritualmente e comido durante as festas do sol, nos solstícios.

À noite de Natal chama-se também a noite do galo, e durante ela como no solstício de verão, os jovens estrangulam galos á volta de uma fogueira colectiva, diz-nos ainda que o galinho com assobio é o primeiro brinquedo de feira que os pais compram aos rapazes». ⁵⁷

Em Freamunde, concelho de Paços de Ferreira, ainda hoje em dia a 13 de Dezembro, se celebra a feira dos capões, no dia festivo de Santa Lúcia, padroeira das doenças da vista.

Numa pequena edição da Junta de Freguesia e da Câmara Municipal pode ler-se as seguintes passagens:

«...Pega-se num frango ainda na flor da idade, atenta-se contra a sua dignidade de futuro dominador do poleiro, impedindo-o de poder vir a... cantar de galo, descobre-se que a sua carne se torna

⁵⁷ Moisés Espírito Santo, Op. Cit. p,45

mais tenra e capitosa e, quando assada, adquire um requintado e inigualável sabor...

Com efeito, em mais nenhuma feira portuguesa o capão impera e a justifica: Só em Freamunde. E de longa data assim é...

Se bem que a sua instituição oficial se tenha verificado em 1719, por uma provisão d'El-Rei D. João – o quinto deste nome – datada de 3 de Outubro desse ano e..." rezestada na chancellaria Mor da Corte e Reino no livro dos offícios e merces afolhas quarenta e oito; (em) Lisboa occedental (a) dois de Novembro de mil sete centos e dezanove..." já alguns séculos antes a prática de capar frangos e de os comercializar era conhecida como peculiar à "freguesia do Salvadoride Friamunde da honra de Sobrosa concelho de Aguiar de Souza Comarca do Porto...»

Capão é, pois, o frango capado! Esta operação "contra natura" realiza-se ainda o pobre não teve suficiente tempo para avaliar as possíveis vantagens de vir a ser galo..., isto é com pouca idade.

Talvez por isso, torna-se um ser triste (embora vistoso), incapaz de se defender (embora avantajado), sem vontade própria, passivo a quanto lhe possa acontecer. Engorda mesmo sem a moderna invenção das rações à base de hormonas, tem cacarejos, andar e ademandes de galinha, assusta-se ao simples aproximar do Sr. galo – rei da sua capoeira – sem, no entanto sentir qualquer vontade de fugir... As próprias galinhas o atacam às bicadas... Despeito? Indignação? Ciúmes? ... Enfim um incompreendido! ..."

Incompreendidas não são as variadas receitas que transformam o dito cujo em apreciada iguaria, a justificar o concurso gastronómico que sempre se realiza por ocasião da feira de Santa Luzia ou dos «capões» em Freamunde.



MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS – LISBOA - POTUGAL

Nas *Lendas de Portugal*, edição do Circulo de Leitores, Gentil Marques faz referência à «Lenda do galo que cantou a tempo», como mito fundacional da Vila de Galveias no concelho de Ponte de Sôr, e que conta a história de uma linda menina, conhecida pela menina do laranjal e de dois homens que disputavam tamanha beleza.

O galo preparado para cantar na missa da meia-noite do dia de Natal ficou à guarda de um dos pretendentes a noivo. O galo desapareceu e a acusação recaía sobre aquele que estava já para casar com a menina do laranjal, que foi em seguida considerado culpado e condenado à forca, com execução marcada para a noite de Natal.

Pôde no entanto formular o seu último desejo. Que a menina e a tia subissem ao alto da torre da igreja.

O galo cantou três vezes ao ver a menina do laranjal e foi encontrado no quintal do pretendente preterido, inocentando assim o condenado, que se encontrava já no cadafalso. O galo cantou a tempo e o matrimónio celebrou-se. Tendo vivido felizes para sempre.

Também em Barcelos, o galo surge relacionado com esta cidade. A sua figura em cerâmica, conhecida de todos é quase emblema nacional e diz a lenda que o dito cantou depois de morto e cozinhado, para provar a inocência de certo peregrino injustamente acusado de furto, simbolizando assim a ressurreição e uma vez mais a justiça.

Gabriel Garcia Marquez em *Ninguém escreve ao Coronel*, transporta-nos o galo para o personagem à volta do qual o Coronel e a sua mulher circulam, tornando-o no alvo de eleição da sua esperança, justificação para a paciência de que depende a espera.

«...- É Outubro – murmurou ao sair da janela.

Só então pensou no galo amarrado ao pé da cama.

Era um galo de briga.

... ..

- Parem de olhar – disse o coronel.

- Os galos gastam-se quando a gente olha muito para eles.

... ..

- Se galo ganhar – insistiu a mulher. – E se perder, você não pensou que o galo pode perder.

- Um galo desses não pode perder. ...»

Nas fábulas de *La Fontaine* encontrámos cinco fábulas onde o gado é personagem. São: o galo e a pérola; o galo e a raposa; os dois galos; a perdiz e os galos.

O galo e a pérola

Um galo achou num terreiro
Uma pérola, e ligeiro
Corre a um lapidário e diz:
«Isto é bom, é de valia,
De milho um grão todavia
Era achado mais feliz».

Um néscio ficou herdeiro
De um manuscrito, e a um livreiro
Vai à pressa e fala assim:
«É bom, é livro acabado,
Concordo, mas um ducado
Valia mais para mim!»

O galo e a raposa

Empoleirado num sobreiro antigo,
Fazia um velho galo sentinela.
Uma raposa diz-lhe: «irmão e amigo,
Venho trazer-te uma notícia bela.

Nas nossas dissensões lançou-se um traço
E acaba de assinar-se a paz geral;
Desce, que quero dar-te estreito abraço
E juntamente o beijo fraternal!

- Amiga – diz-lhe o galo – folgo imenso;
Não podia esperar maior delícia! ...
Vejo dois galgos a correr, e penso
Que são correios da feliz notícia.

Foge a raposa sem dar mais cavaco;
E o galo sentiu íntimo consolo.
Pois é grande prazer ver a um velhaco
Entrar espertalhão e sair tolo!

Os dois galos

Dois galos se meteram em peleja
A fim de se saber qual deles seja
O capataz de um bando de galinhas:
Unhadas e picadas tão daninhas
Levou um, que se deu por convencido,
E andava envergonhado e escondido.

O vencedor se encheu de tanta glória,
Que para fazer pública a vitória,
Pôs-se de alto, voou sobre umas casas;
Ali cantava, ali batia as asas.

Andando nestas danças e cantares,
Veio uma águia, levou-o pelos ares;
E saindo o que estava envergonhado,
Gozou do seu ofício descansado.

Quem contemplasse bem quão pouco dura
Neste mundo qualquer prosperidade,
Livre estava de inchar por vaidade
Com um leve sucesso de ventura.
O que tem a alegria por segura,
É doente, e o seu mal fatuidade;
Que ela passa com muita brevidade,
E vem logo a tristeza, e muito atura.
De mudanças o mundo está tão cheio,
Que hoje riu, amanhã estou sentindo
Uma grande desgraça que me veio;
Delira quem dos tristes anda rindo;
Que é absurdo gostar do mal alheio,
Quando o próprio a instantes está vindo.

A perdiz e os galos

Um tinha uma perdiz e tinha uns galos;
Determinou com ela associá-los;
Desgostou a perdiz dos camaradas,
Que com ela saltaram às picadas;
Entendeu que por ser uma estrangeira
A tratavam os mais desta maneira.
Mas um dia que viu dois encrespados
Saltarem de pescoços levantados,
E em mútua guerra às cristas investirem,
E com unhas e bicos se ferirem:
«Não vai mau – diz a triste – se discorde
Esta gente entre si se arranha e morde,
Já não tenho razão para queixar-me;
Devo com suas guerras consolar-me.

Indício de incivil barbaridade
De todo o malcriado, que grosseiro,
Em vindo a seu país um estrangeiro,
O despreza e lhe mostra má vontade.

O preceito da santa caridade
Distingue o natural do forasteiro?
Ser judeu, moiro e herege o viageiro.
Não lhe tira o que tem por irmandade.
E se esse forasteiro se contenta
De ver que os naturais são mal unidos.
Também barbaridade representa:
Todos dum mesmo pai somos nascidos;
Se o sangue nos uniu, que nos alenta,
Não sejamos por ódio divididos.

O galo e o falcão

Um cozinheiro possuidor de um galo
- Encanto de dez léguas em redor -
Teve um dia o desejo de tragá-lo
Numa ceia de amigos.
Com amor,
Da capoeira a caminho, assim que avista
Do lindo galo a avermelhada crista,
Começou a chamá-lo - piu, piu, piu! ...
O galo, que era espertalhão, fingiu
Não ter ouvido a voz do seu patrão.

Diz-lhe nisto um falcão
Do galo companheiro: «estás com sono?
Não ouves que, por ti, chama o teu dono?»
O galo:
«Essa pergunta não farias
(Pela melhor de todas as razões)
Se tantos, como eu galos em meus dias,
Tivesses visto acaso assar falcões!»

Satanás, ou o diabo surge muitas vezes descrito com o aspecto de um animal, porco, bode, cão negro, dragão etc, mas também na cultura popular como gato preto ou galinha preta, no entanto facto curioso, em S. Bartolomeu do Mar, Esposende (vide Moisés Espírito Santo – *A Religião Popular Portuguesa*), são famosos os seus banhos santos, onde após molharem os pés no mar, se come no areal uma refeição à base de galinha preta pedindo cura para sofrimentos ou maleitas. São Bartolomeu é dos poucos casos onde a galinha

preta não tem culto demoníaco. Também a galinha preta é utilizada sacrificialmente no *voudou*.

Satanás toma ainda as mais variadas formas, uma delas, aparece descrita como um cavaleiro de conversa agradável de fidalgo, revestido por um grande manto e trazendo na cabeça um grande chapéu com penas de galo, disfarçado portanto, trazendo penas daquele que anuncia a lua e o fim das trevas.

O Sabat (Rito Satânico) tão em voga na Idade Média, assembleia dos bruxos procedida pelo bode, após os rituais seguia-se um festim orgíaco, danças, deboches, etc, até o galo anunciar a luz, a aurora, o fim das trevas.

No entanto é também na Idade Média que surge a expressão «Missa do Galo» para designar a primeira missa do Natal, celebrada à meia-noite (*ad galli cantum*). No Alentejo usa-se após a missa do galo fazer uma refeição de Missadura que é composta por carne do alguidar (carne-de-molho) frita ou assada. Nalgumas regiões do país era costume antigo preparar um galo para cantar na missa do seu nome (referenciado em a lenda do «galo que cantou a tempo» – Vila de Galveias), sendo o mesmo tratado com especiais cuidados, gozando de alimentação especial e escolhido entre as melhores capoeiras.



Nergal, o Galo de Sabbat — a Serpente de Mars.

Encontramos em *Origens do Cristianismo Português* de Moisés Espírito Santo, na descrição de *A Deusa Síria* por Luciano de Samocata, vamos encontrar uma curiosa referência aos «gallos».

«Estratónica, mulher de Nicator Seleucus conquistador da Assíria⁵⁸ solicitou ao marido que erigisse um templo a Hera⁵⁹, caso isso não acontecesse grandes males aconteceriam. Este cedeu e mandou chamar Combabo, senhor de extraordinária beleza, ao qual incumbiu a tarefa de acompanhar Estratónica a Hierápolis e executar a obra, comandar os exércitos e realizar os sacrifícios, em troca de grande recompensa.

Combabo, contra vontade, obedeceu ao rei, mas temendo os ciúmes do seu soberano, ...”mutilou-se cortando o pénis que depôs num pequeno vaso com mirra, mel e outras substâncias odoríficas; em seguida selou-o com o seu sinete e fez um penso na ferida”...

⁵⁸ No entanto o episódio descrito tem contornos de mito fundacional.

⁵⁹ Ordenado por esta em sonho.

Posteriormente, alegando tratar-se do seu grande tesouro e uma vez que ia viajar pediu ao rei que fosse seu fiel depositário. O rei acedeu frente a grande número de testemunhas, ignorando o que o “tesouro” fosse.

Ora os temores de Combabo vieram a justificar-se, Estratónica enamorou-se dele, tendo daí resultado uma avassaladora paixão, sem que disso fizesse segredo. O rei veio a ter conhecimento do que se passava e chamou a si Combabo, acusou-o de traição e declarou-o culpado de três crimes: adultério, abuso de confiança e impiedade para com Hera. Tendo sido condenado à morte. Ai Combabo solicitou o que deixara á guarda do rei e provou a sua inocência.

Ao que parece, alguns dos seus amigos mais íntimos para o consolarem, castraram-se também a si próprios.

Costume que terá passado a ritual, onde segundo o relato de Luciano ...”anualmente muitos homens se mutilam no santuário e passam a viver como mulheres, quer para consolar Combabo, quer para agradar a Hera. Uma vez castrados deixam de usar trapos de homens; vestem-se de mulheres e fazem serviços de mulheres...”.

Vejamos algumas referências aos gallos que a seguir se descrevem:

... ..

50 - “Em dias determinados, uma multidão reúne-se no santuário. Grande número de gallos e os homens ligados ao serviço dos deuses a que já aludi, celebram ritos orgiásticos, golpeiam os braços e batem nas costas uns dos outros. Vários músicos, de pé junto deles, tocam flauta; muitos tocam tambores, outros cantam cânticos inspirados e sagrados. Porém estas cerimónias têm lugar fora do Templo e os actores destas práticas não entram lá.

51 - É nesses dias que se fazem os gallos. Enquanto uns tocam flauta e celebram os mistérios, uma demência comunica-se a muitos dos assistentes, e muitos dos que vieram como espectadores entregam-se aos actos que vou contar. Todo o mancebo que decidiu ser gallo larga o fato, avança lançando um grande grito no meio da

assembleia, corre a agarrar num grande cutelo que é, julgo eu, reservado para esse efeito desde há muitos anos. Apanhado que está o cutelo, castra-se subitamente e põe-se a correr pela cidade exibindo nas mãos aquilo que cortou. A casa para onde atirar aquilo de que se privou, qualquer que seja a casa, fornece-lhe uma túnica de mulher e tudo quanto é necessário para adorno do sexo feminino. É assim que se pratica a castração.

52 – Depois da morte, os gallos não são enterrados como outros homens. Quando morre um gallo os confrades pegam nele e levam-no para um subúrbio onde o depositam com a padiola que servia para o transportarem; atiram-lhe pedras para cima e depois retiram-se. Aguardam então sete dias antes de voltarem ao Templo. Se entrarem ali antes de expirar este prazo, cometem um sacrilégio”. Os gallos não eram pois sacerdotes propriamente ditos, mas sim uma espécie de “Ordem” estabelecida nos arredores dos Templos. O seu superior tinha o título de Arquigallo e tinha como símbolo um gallo (animal de capoeira)». ⁶⁰

O abraxas

Em *Os Templários*⁶¹, de Michel Lamy, encontramos a seguinte referencia:

«...Muito mais interessante parece ser a utilização do *abraxas* pelos Templários. Entre os selos da Ordem, há um com efeito, guardado nos Arquivos Nacionais, onde figura, nitidamente, um abraxas acompanhado pela menção *Secretum Templi*».

Lucien Carny diz-nos⁶²:

«O abraxas é um símbolo gnóstico e até o símbolo da gnose. É composto por uma personagem cujo corpo está coberto por uma armadura, o busto termina com um vestido curto, donde saem, em vez das duas pernas, duas serpentes, cada uma com duas cabeças. Em geral, a personagem tem na mão esquerda um escudo redondo ou oval, onde estão inscritas as três letras sagradas I A O ou A O I ou I A ÓMEGA, e, na outra mão, um chicote que é o do deus egípcio Amon-

⁶⁰ Moisés Espírito Santo, *Op. Cit.* P,34 e seguintes

⁶¹ Lamy, Michel- “Os Templários”- Editorial Notícias-Lisboa 1999. p. 122

⁶² Carny, Lucien –”Les Sceaux de l’ordre du Temple”, in Atlantis, p,268

Ra, símbolo da firmeza, do governo, do poder, da lei, do império sobre todos os seres e as coisas, o cetro chicote de Amsu. Esta personagem tem a cabeça de galo».

Esta está voltada para o céu lembrando o canto matinal ao Sol. Tal como a erguer da estrela da manhã, Lúcifer, o galo precede e parece provocar o levantar do Sol. Neste sentido os Templários talvez tenham visto nele um símbolo que lembrava São João Baptista, precursor e arauto de Cristo.

Defendia-se a crença de que o abraxas dava vigilância, poder e sabedoria. Era por isso que a personagem tinha cabeça de galo, símbolo do “despertado”, daquele que anuncia a chegada da luz. Pitágoras dizia, nos seus *Versos dourados*: «Alimentem o galo e não o imolem!»

É aliás, o que faziam os Gauleses. A própria palavra *coq* (galo) vem do celta *kog*, que quer dizer vermelho como a sua crista e as suas carúnculas, vermelho como a aurora que anuncia. Os Templários apreciavam representar este galináceo e encontramo-lo no tecto da recebedoria de Metz, entre Renart e Ysengrin.

A espécie que deu origem às diversas raças de galinhas e galos domésticos que podemos encontrar nas nossas capoeiras por todo o mundo, pensa-se que terá tido origem na região compreendida entre a Índia, a Indochina e a Ilha de Java, e será o galo de Bankiva (macho e fêmea). Que aliás pertencem à mesma família que os faisões.

O certo é que desde os mais remotos tempos tem acompanhado o homem e juntamente com o cão tornou-se um companheiro predilecto e indispensável. Um por companheiro e guarda e o outro para lhe anunciar com o seu canto o despertar do dia.

E pensa-se também que a partir do séc. X passa a ornamentar campanários e cata-ventos. No séc. XI, havia já um no campanário da Basílica de Latrão.

Na religião Masdeísta o galo era consagrado ao próprio Deus da Luz – Ahura-Mazda.

Na figura Mitraica de Cronos com a serpente enrolada sete vezes á volta do seu corpo, aparece a seus pés um galo. Segundo os persas o galo tinha como função acordar os preguiçosos, chamar para o culto matinal e afugentar os

maus espíritos. Ainda na Roma antiga os áugures faziam oráculos usando os galos para irem indicando as letras que formavam o oráculo, atraídos por grãos de trigo colocados junto delas, num circuito desenhado no chão.



A figura Mitraica de Cronos com a serpente enrolada sete vezes à volta do seu corpo, tendo a seus pés um galo ou galinha.

Durante a Génese da Retorta, na fase do branqueamento (Albedo) numa ilustração de S. Trismosin, *Splendor Solis*, Londres, Séc. XVI, Mercúrio surge num carro puxado por dois galos, os arautos da aurora. Segundo M. Maier o galo, como animal-sol, encarna o poder do enxofre.

No *Zohar*, ou o *Livro do Esplendor*, no capítulo Géneses, *Meia-noite*, a determinada altura o Rabi Abba pergunta ao hospedeiro:

«Há aqui algum galo? O hospedeiro perguntou: Porquê? E o Rabi Abba disse: desejo acordar à meia-noite em ponto. O hospedeiro respondeu: não há necessidade de um galo. Tenho junto à minha cama uma clepsidra. A água corre gota a gota e esgota-se à meia-noite em ponto; então o movimento inverte-se com tal ruído que toda a casa acorda».⁶³

Mais à frente em *A grande festa* e acerca da aproximação da morte para o Rabi Isaac, é dito:

«Sabemos que, quando a proclamação ressoa, surge uma chama no norte que atravessa o “rio de fogo” (Daniel VII, 10) e se divide para se espalhar pelos quatro cantos do mundo onde consome as almas dos pecadores. Então, torna a partir, salta e mergulha até se imobilizar entre as asas de um galo negro, que imediatamente se abate e lança gritos no limiar da porta. Primeiro, grita: “porque aí está surgindo o dia ardente como uma fornalha” (Malaquias III, 19). Da Segunda vez, grita: “porque foi Ele que formou as montanhas e criou o vento e que anuncia ao homem o seu próprio pensamento” (Amós IV, 13); é o momento em que os actos do homem depõem contra ele e ele os reconhece como seus. Da terceira vez, no momento em que a alma é retirada, o galo clama: “quem não te veneraria, Rei das nações? Pois isto é próprio de ti (Jeremias X, 7).

O Rabi José disse: porque tem de ser um galo negro?

O Rabi Judá respondeu: está inscrito um sentido místico em tudo o que faz o Todo-Poderoso. Sabemos que um castigo só cai num lugar que se lhe assemelha. O negro é o símbolo do lado do

⁶³ Zoar, O Livro do Esplendor. Estampa, Lisboa 1994, p.47

julgamento e a chama, ao elevar-se, brilha sobre as asas de um galo negro que é o mais apropriado».⁶⁴

Podemos encontrar também em *O Médico de Cordova* de Herbert le Porrier uma referência ao galo.

Moisés Ben-Maimon, conhecido por Moisés Maimónides descreve os sentimentos e pensamentos que o assaltam enquanto vai levar o galo para o abate ritual ao seu tio Joad.

«Um galo estive na origem da minha amizade com o tio Joad, um galo soberbo com mais de seis quilos, todo castanho-dourado, palpitante, a crista tripla e inchada em riste, e que estava destinado á sopa rica do Sabbat.

Não sei que contratempo a terá feito colocar-me o galo nas mãos. Atou-lhe as patas com um cordel e com uma das pontas deu um nó ao meu pulso.

Meti-me a caminho sem entender bem, e ao mesmo tempo entendendo bem demais, com o volume de penas quentes apertado contra o meu peito e com os olhos cravados no olho redondo daquele belo animal, cuja cabeça oscilava ao ritmo dos meus passos. Fui-lhe murmurando, junto ao pescoço tufado, palavras de amizade que não tiveram qualquer efeito na minha inquietação.

... ..

falando sempre em voz serena, Joad desembaraçou-me do galo e acariciou-lhe o papo com as pontas dos dedos. De repente, um violento bater de asas, um esvoaçar de penas e algumas contracções espasmódicas no meu pulso. Um charco escuro alastrava junto aos meus pés. Mais uns estremeções das patas e foi o fim, sobre a pedra jazia uma massa mole que Joad ergueu pelas garras e que tomou o peso com ar conhecedor, soprando-lhe a penugem para apreciar a camada de gordura, viste? Perguntou ele. Este malandro vai dar uma bela sopa. Eu tinha a garganta demasiado apertada para poder responder. Nada vira dos gestos que tinham tirado a vida ao meu belo pássaro».

⁶⁴ Zoar, O Livro do Esplendor. Op.Cit, p.58

Para a astrologia chinesa o galo é um dos doze animais signos e ocupa o décimo lugar. Pois ao chamamento de Buda chegou o rato seguido do búfalo, tigre, lebre, dragão, serpente, cavalo, cabra, macaco, galo, cão e por fim o javali. O galo é referido como estando muito acima do comum, sendo senhor do vulgar, capaz de generosidade e sincera amizade, franco e voluntarioso está ligado ao leste e a sua tendência é o yang e o seu maior trunfo é a fraqueza e honestidade.

Entre nós pode também ser tido como símbolo do machismo, da autoridade, presente no ditado popular, «capoeira onde há galo não canta galinha».

Ainda nas nossas tradições vamos encontrar o tiro ao galo, em S. Brás do Regedor, freguesia de Nossa Senhora da Tourega – Évora. Até á pouco tempo realizava-se por altura das suas festas, na quarta-feira de cinzas, o tiro ao galo vivo com caçadeira.

O galo é conhecido como emblema de orgulho, o que justifica a sua pose. O galo enquanto emblema da França é uma noção recente desprovida de valor simbólico com origem no duplo sentido da palavra *gallus* do gaulês e *gallos-galo*.

Enquanto símbolo solar, uma vez que é ele que anuncia o nascer do sol, no Japão o seu canto é associado dos deuses uma vez que é ele que faz sair Amaterasu deusa do sol da caverna onde se escondia, dando assim origem ao nascer do sol, nos Templos Xintoístas, magníficos galos passeiam-se altivos, orgulhosamente em liberdade.

A coragem é outra das virtudes atribuídas pelos japoneses ao galo, virtude essa que encontramos atribuída ao galo também noutros países do extremo oriente, onde este assume um papel especialmente benéfico.

O caracter chinês *Ki* que o designa é homófono de bom augúrio, associa-se também o seu aspecto geral e o seu comportamento para simbolizar as cinco virtudes: o porte da crista, conferindo-lhe aspecto de Mandarim, e as virtudes militares pela posição dos esporões, a coragem, pelo comportamento em combate, a bondade, pois partilha a sua comida com as galinhas, e a confiança, pela segurança e altivez com que anuncia o nascer do dia. A este título ele é na

Índia o atributo de Skanda que personifica a energia solar, assim ele é também eficaz contra as más influências da noite e afasta-as das casas se se colocar uma efígie sobre a porta.

No Vietname a pata do galo cozida simboliza a imagem do microcosmo e serve para a adivinhação. Já no Budismo Tibetano, o galo assume um simbolismo excepcionalmente nefasto; figura no centro da roda da existência, associado ao porco e à serpente, como um dos três venenos. A sua significação é o desejo, a ligação, a cobiça, a sede. Lembremos no entanto que na Europa só ocasionalmente ele é tomado como uma imagem de cólera, explosão, de um desejo desmesurado e contrariado.

Segundo as tradições Helénicas, o deus galo dos Cretenses, assimilou-se a Zeus. O galo encontrava-se perto de Leto, grávida de Zeus quando ela deu à luz Apolo e Artemísia. Ele é também consagrado a Zeus, Leto, Apolo e Artemísia, isto é, aos deuses solares e as deusas lunares.

Os versos de ouro de Pitágoras recomendam então: alimentem o galo e não o imolem, pois ele está consagrado ao sol e à lua.

Símbolo da luz nascente, ele é no entanto um atributo particular de Apolo, o herói do dia que nasce.

No entanto apesar do conselho dos versos de Pitágoras um galo era ritualmente sacrificado a Asclépio, filho de Apolo e deus da medicina. Sócrates lembra a Criton, antes de morrer, que sacrifique um galo a Asclépio (Esculápio). Sem dúvida que é preciso vermos aí o papel de um ritual psico-funerário atribuído ao galo; ele ia anunciar a sua chegada ao outro mundo e aí conduzir a alma do defunto, ela abriria os olhos a uma nova luz, o que equivalia a um novo nascimento. Ora o filho de Apolo era precisamente o deus que pelos seus remédios tinha operado ressurreição na terra, prefiguração das ressurreições celestes.

Pela mesma razão o galo era emblema de Attis o deus solar morto e ressuscitado entre as divindades orientais. Este papel de ritual psico-fúnebre explica também que o galo seja atribuído a Hermes (Mercúrio) o mensageiro que percorre os três níveis do cosmos, dos infernos aos céus.

O galo aparece com o cão e o cavalo entre os animais que figuram nos rituais psico-funerários, sacrificados (oferecidos) aos mortos entre os antigos Germanos.

Aquando das cerimónias de purificação e de expulsão dos espíritos, após uma morte, em alguns povos altaicos, o morto é figurado por um galo atado à cama mortuária, e que o Xamam expulsa.

Nas tradições Nórdicas, o galo é ainda um símbolo de vigilância guerreira. Ele vigia o horizonte nos mais altos ramos do freixo Yggdrasil para prevenir os deuses, quando os gigantes, seus eternos inimigos se preparam para os atacar. Mas o freixo, árvore cósmica, é a origem da vida. O galo que do alto vigia sobre o campanário da Igreja, surge assim como o protector e o guardião da vida.

Os índios Pueblo fazem a associação galo/sol: o grande-pai dizia que as galinhas eram criaturas do deus sol; é importante dizia ele, o canto dos galos de madrugada; o sol pô-los aqui para nos acordarem; ele advertiu os galos com uma sineta para que cantem quatro vezes antes do dia.

Em África segundo a lenda dos Peuls, o galo está ligado ao segredo; as atitudes, os actos e as metamorfoses do galo correspondem às diferentes fases, aos diferentes graus e interpretações do segredo: um galo numa gaiola significa o segredo guardado no silêncio; um galo no pátio (metamorfoseado em ovelha) significa segredo divulgado aos próximos e aos íntimos; um galo na rua (metamorfoseado em touro) significa segredo divulgado entre o povo; um galo nos prados (metamorfoseado em incêndio) significa segredo transmitido ao inimigo, causa de ruína e de desolação.

Para os Azandé esta antevisão do dia (ele vê a luz do dia no interior de si mesmo) tornaria o galo um pouco suspeito de feitiçaria.

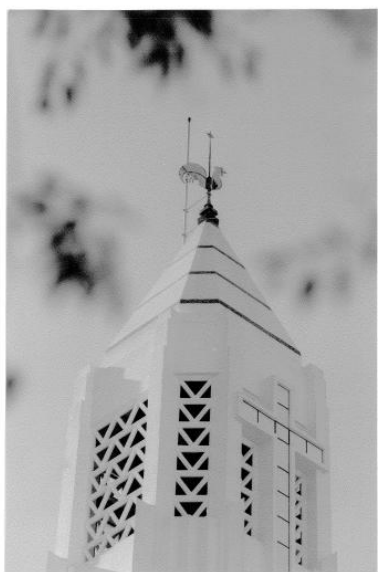
O galo é também um símbolo de Cristo tal como a águia e o cordeiro, mas põe em particular relevo o seu simbolismo solar: luz e ressurreição.

Em Job (38: 36, 37, 38): o galo é símbolo da inteligência vinda de Deus: «quem deu ao íbis sabedoria e ao galo entendimento?»

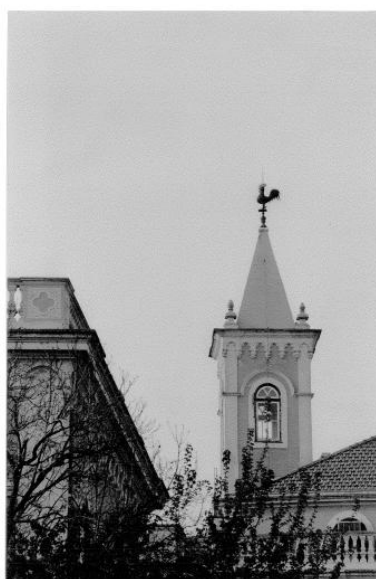
Às duas aves foi dada uma faculdade de previsão: a íbis anuncia infalivelmente as cheias do Nilo, o galo o nascer do dia e a capacidade de prever as chuvas de Outono: ... quem tem capacidade para contar as nuvens e é capaz de entornar os cântaros do céu, quando a terra se torna dura como ferro e os torrões se amontoam? ...

Tal como o Messias ele anuncia o dia que sucede á noite e figura nos campanários e cata-ventos das igrejas e catedrais. Este posicionamento no cimo dos templos pode evocar a supremacia do espiritual sobre a vida humana, a origem celeste da iluminação salvífica, a vigilância da alma atenta a perceber nas trevas da noite que acaba os primeiros raios de claridade do espírito que surge.

O galo do campanário provinha segundo Durand da assimilação Mazediana do sol ao galo que anuncia o nascer do dia.



IGREJA DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA – LISBOA - PORTUGAL



PALÁCIO BARAHONA – ÉVORA - PORTUGAL



ALDEIA DE VALVERDE – ÉVORA - PORTUGAL



ALDEIA DE VALVERDE – ÉVORA - PORTUGAL

O Talmud faz do galo um mestre de educação, sem dúvida porque ele introduz o seu senhor, o sol, anunciando-o com o seu canto.

O galo goza no Islão de uma veneração sem igual, em relação aos outros animais. O próprio profeta dizia: o galo branco é meu amigo, ele é inimigo do inimigo de Deus... o seu canto assinala a presença do anjo.

Atribui-se também ao Profeta a proibição de maldizer o galo que chama para a oração; ele ter-lhe-ia dado uma dimensão cósmica. Entre as criaturas de Deus, teria dito, há um galo cuja crista está sob o trono, as garras sobre a terra inferior e as asas no ar. Quando dois terços da noite já passaram e não resta senão um, ele bate as asas depois diz: Louvai o rei santíssimo, digno de louvor e de santidade, que equivale a dizer que não tem semelhante.

Nesse momento todos os animais batem as asas e todos os galos cantam.

O galo é frequentemente associado à serpente, é o caso nomeadamente para Hermes e Asclépio. Na análise dos sonhos a serpente e o galo são ambos interpretados como símbolos do tempo; pertencem ao Deus que cura Esculápio (Asclépio) que era provavelmente uma encarnação da vida interior e psíquica, pois é ele que envia os sonhos.

Eles marcam uma fase de evolução interior: a integração das forças ctónicas ao nível da vida pessoal, ou a tendência do espírito e de matéria para se equilibrarem numa unidade harmoniosa.

O galo como símbolo maçónico é simultaneamente o signo da vigilância e o do despertar da luz iniciática. Corresponde ao mercúrio alquímico.

Mas vejamos mais algumas referências ao galo em dicionários de símbolos e em diferentes dicionários e enciclopédias:

Galicínio, *s. m.* A hora da manhã em que os galos cantam; o canto do galo. (Lat. *Galliciniu*).

Galicismo, *s. m.* Palavra ou frase de formação ou índole francesa; francesismo. (Do lat. *Gallicu*).

Galicista, *s. 2 gén.* Pessoa que comete frequentes galicismos.

Galicizar, *v. tr. e intr.* Empregar habitualmente galicismos, na linguagem ou na escrita. (De gálico).

Gálico [1] *adj.* Relativo à Gália. (Lat. Gallicu). [2] *adj.* Diz-se de um ácido extraído da noz-de-galha; o m. q. gálhico. (Do lat. Galla).

Galináceas, *s. f. pl.* Designação da ordem das aves de voo pesado, portadoras de bico forte e pequena palmura interdigital, o m. q. galiformes. (Do lat. Gallinacéu).

Galinha, *s. f.* Fêmea adulta de umas aves galináceas muito úteis, representadas por variedades e raças domésticas, frequentemente criadas em capoeiras e bastante empregadas na alimentação humana; *pop.* azar; infelicidade; coisa muito boa; **deitar-se com as -s**: ir para a cama cedo; **choca** – galinha que se põe a incubar; *fig.* Pessoa adoentada, achacadiça; **d'água** – ave pernalta da fam. dos Rálidas, sedentária e muito frequente nalguns sítios de Portugal, também conhecida *por franga-d'água, galinha-do-rio, galinhola, galinhota, rabiscoelha*, etc.; **da-guiné** – o m. q. pintada; **da-índia** – o m. q. pintada; **d'angola** – o m. q. pintada; **do-mar** – o m. q. cantariz; **do-mato** ou **do-monte**: o m. q. alcaravão; **do-rio**: o m. q. galinha-d'água; **sultana** – o m. q. alqueimão. (Lat. *Gallina*).

Galinhaça, *s. f.* Galinha grande e gorda; excremento de galinhas.

Galinha-cega, *s. f.* Jogo de crianças.

Galinhaço, *s. m.* Galinhaça; muitas galinhas; *pop.* azar; má sorte. (Do lat. *Gallinacéu*).

Galinhada, *s. f.* Porção de galinhas.

Galinheira, *s. f.* Mulher que negocia em galinhas. (De *galinheiro*).

Galinheiro, *s. m.* Capoeira; vendedor de galinhas. (Lat. *gallinarius*).

Galinhó, *s. m.* O m. q. galelo.

Galinhola, *s. f.* Ave pernalta da fam. dos Caradriidas, que é caça muito apreciada, comum em Portugal, de Outubro a Março, também designada *bicuda*, *gamarra*, etc.; o m. q. galinha-d'água; - **real**: nome vulgar por que também é conhecida a abetoira ou ronca (ave pernalta pouco comum em Portugal). (De *galinha*).

Galinhota, *s. f.* O m. q. galinha-d'água. (De *galinha*).

Galinicultor, *s. m. (Bras)*. Criador especializado em galinhas (Do lat. *gallina* + *cultore*).

Galinicultura, *s. f. (Bras)*. Criação de galinhas. (Do lat. *gallina* + *cultura*).

Galinúlidas ou **Galinulídeos**, *s. m. pl.* O m. q. Rálicas (Do lat. *gallinula*).

Gálio, [1] *s. m.* Antigo idioma das Gálias; gaulês. (Lat. *galliu*). [2] *s. m.* Elemento químico número 31 da classificação periódica, de aspecto semelhante ao do zinco, e de propriedades análogas às do alumínio. (Do lat. *gallu* por *Lecoq*, antr.).

Galiparia, *s. 2 gén.* O m. q. galiciparia. (De *galo* + *parlar*).

Galispo, *s. m.* Galo pequeno; ave pernalta, da fam. dos Caradriidas, portadora de um penacho na cabeça, comum em Portugal durante o inverno, e também conhecida por *abecoinha*, *abibe*, *abetoinha*, *ave-fria*, *choradeira*, *bécua*, *coim*, *galeirão*, *galeno*, *galo*, *ventoninho*, *verdinzela*, *verdizela*, *donzela-verde*, *matoninha*, etc. (De *galo*).

Galista, *s. 2 gén.* Pessoa que se dedica à criação de galos de briga.

Galo, [1] *s. m.* O macho adulto da galinha doméstica; designação de umas aves pertencentes a duas espécies de galeirões, que é o *m. q.* viúvas; o *m. q.* galispo; termo indicado como um dos nomes vulgares do escaló (peixe); *pop.* intumescência na cabeça, proveniente de contusão, o *m. q.* carolo e tolontro; *fig.* pessoa de influência; - **da-cal**: o *m. q.* camilonga; **da-serra**: pássaro brasileiro, da fam. dos Cotíngidas, também conhecido por *galo-do-pára*; **de briga**: galo adestrado para lutar com outros; **do pára**: o *m. q.* galo-da-serra. (Lat. *gallu*). [2] *adj.* Da Gália (Lat. *gallu*).

Galo... Elemento de composição de palavras que exprime a ideia de gaulês, francês. (Lat. *gallu*).

Galocistra, *s. f.* Planta herbácea, da fam. das Escrofulariáceas, espontânea nos lameiros, do Minho à Beira, designada também por galacrista e veludilho. (De *galo* + *crista*).

Galofilia, *s. f.* Amor à França ou aos Franceses. (Do lat. *Gallu* + *gr. Philia*).

Galófilo, *adj. e s. m.* Que ou aquele que está possuído de galofobia. (Do lat. *Gallu* + *gr. Philos*).

Galofobia, *s. f.* Aversão à França ou aos Franceses. (Do lat. **Gallu** + gr. **Phóbos**).

Galófobo, *adj.* e *s. m.* Que ou aquele que está possuído de galofobia.

Galo-hispano, *adj.* Referente à França (ant. Gália) e à Espanha.

Galomania, *s. f.* Mania de louvar tudo o que é francês. (Do lat. *Gallu* + gr. *Manía*).

Galomaníaco, *adj.* e *s. m.* Que ou aquele que padece de galomania.

Galocrista – Bot. Nome vulgar do *Rhinanthus minor* L., erva anual, de ordinário ramosa, da fam. das Escrofulariáceas, glabrescente, de caule às vezes maculado de negro, folhas oblongo-lanceoladas cordiformes na base e crenado-serradas; flores dispostas em espiga, com brácteas cordiforme-ovadas, inciso-serradas; cálice subvesiculoso na frutificação, quadridentado, corola bilabiada amarelada, com o lábio superior côncavo e o inferior trilobado; cápsula arredondada, muito comprimida, com as sementes discóides, aladas. Encontrase nos lameiros e paus de Trás-os-Montes, Minho e Beira Transmontana.

J. de Vasconcellos

Galo-da-Cal – Zool. O m. q. *galgueirão-da-cal*: nome comum a duas aves aquáticas da fam. *Colymbidae* (ordem Colimbiformes ou Pigópodes), *Colymbus arcticus* e *C. immer*. São ambas também conhecidas por mergulhão e mobilha, e apenas a primeira por camilonga e galo-da-cal. Têm seu domicílio nas regiões árticas e subárticas, emigrando para as zonas temperadas, no inverno, raramente encontradas em Portugal.

Bibl. A. Themido, *Aves de Portugal*, C. 1933.

F. Frade

Galo-da-rocha – Zool. ↗ *galo-da-serra*.

Galo-da-serra – ZOOL. Ave do Brasil (Amazónia), Venezuela e Guianas, pertencente à fam. *Cotingidae*, ordem *Passeiriformes*, *Rupicola rupicola*, tb. designada por G.-do-pára e G.-da-rocha. Na brilhante plumagem dos machos, do período nupcial, predomina a cor de laranja, levemente tingida de vermelho, e salienta-se o largo topete, semilunar, em leque, que lhe orna a cabeça, ocultando-lhe parcialmente o bico. Aninha nos rochedos duas vezes no ano (Abril e Dezembro). A alimentação é constituída por frutos e insectos. Muito apreciadas pelos nativos como ornamento, as penas do G.-S. têm sido usadas com diversos fins, mesmo para pagamento de tributo, segundo se diz. Tais penas, associadas às dos tucanos e araçarís, entravam na composição do manto real do imperador do Brasil D. Pedro II.

Bibli. J. Berlioz «Système» (Oiseaux) em Grassé, *T. Zool.*, V, RJ., 1960.

F. Frade

Galos-romanos – HIST. ↗ *Gália*.

Galos – Mit. ↗ *Cibele*

Galos (luta de) – ETN. Trazida da Pérsia, pelos gr. Temístocles, veio a ser adoptada, pelos Romanos, que a espalharam pelo império. Acompanhou mais tarde os europeus às Américas, mas acabou por ser gradualmente, a partir de princípios do séc. XIX, cá e lá virtualmente banida, devido à crueldade que envolve. No Oriente, de onde é originária, pratica-se em vários países, designadamente, quanto a território port., em Timor, cujos naturais a ela entusiasticamente se entregam, dando especial tratamento a galos escolhidos, e arriscando pesadas apostas sobre as lutas, da modalidade de combates singulares. É pugna designada em tétun de taro mano (*taro* = «apostar»; *mano* = «ave», designadamente galináceo), ou futo mano (*futo* = «atar», «enfeixar»,

«amarrar») por atarem afiada lâmina prolongando o esporão de uma das patas do galo.

Bibli. Pinto Corrêa, *Gentio de Timor*, Lx., 1934.

Hopffer Rêgo

Galinha – ZOOL. Nome vulgar da fêmea das espécies do gén. *Gallus* (fam. *Phasianidae*, ordem Galiformes), cujo macho é o galo. Além da espécie *Gallus gallus*, origem das numerosas raças domésticas (♂ Galináceos), conhecem-se duas espécies selvagens, todas da Ásia e da Malásia, que têm de comum o notável desenvolvimento das carúnculas cefálicas (crista e barbilhões) e das penas supracaudais, falsiformes, excedendo de muito as rectrizes (*G. bankiva* e *G. sonnerati*, aquela considerada sinónima de *G. gallus*). Seguido de qualificativo, o nome *G.* aplica-se a muitas outras espécies de diferentes fams., ordens e classes: 1) *G.-azul* - ♂ pintada-de-poupa. 2) *G.-d'áfrica* - ♂ pintada. 3) *G.-da-pedra* - ave da ordem Galiformes, fam. *Phasianidae*, *Ptilopachus petrosus*, das zonas pedregosas da Guiné. 5) *G.-d'água* - aves da ordem Raliformes (Gruiformes), fam. *Rallidae*, gén. *Gallinula*, caracterizado pelo bico, curto e alto, prolongado em placa córnea frontal. Em Portugal, representam-no *G. chloropus*, onde é sedentária, tb. conhecida por arriba-coelha, franga-coelha, franga-d'água, franga-marneca, franga-do-rio, galinhola e galinhota, rabelo-coelha, rabia, rabia-coelha, rabiscoelha ou rabocoelha, rabilha ou rabilha, nomes alusivos, na maioria, ao aspecto da cauda, lembrando a do coelho. É imigrante na Madeira e nos Açores, onde tb. há, aliás, uma raça local (*G. ch. Correina*). 6) *G.-do-mar* - peixes teleostósteos das ordens Perciformes, fam. *Scorpaenidae*, como *Scorpaena elongata* e *Sc. Senegalensis*, tb. chamadas rascassos, e dos géns. *Helicolenus* e *Sebastes*, cantarilho; Lophiiformes, fam. *Antennariidae*, *Antennarius commersoni*, *A. pardalis* e *A. scaber*, tb. chamada antenário, cantarilho e tamboril. 7) *G.-do-mato*: nome comum a diversas aves: A) Ave da ordem Charadriiformes, fam. *Burhinidae* - a) *Burhinus oedipnemus* (espécies afins), tb. designada alarcavão, alcorão, algrubão, algravão ou algriavão; b) *G.-do-monte*, perluis ou pirolis, pirolé e cisão. Geralmente migradora, é sedentária em Portugal; B) aves

da ordem Passeriformes, fam. *Formicariidae*, do Brasil – *Formicarius ruficeps*, tb. chamada pinto-do-mato, e *Grallaria varia imperator*, tb. nomeada perna-lavada e tovacuçu, no Sul; C) ave da ordem Galiformes, fam. *Phasianidae* ↗ Pintada. 8) *G.-do-rio* - ↗ *G.-d'água*. 9) *G.-sultana* – ave da ordem Ralliformes, fam. *Rallidae* ↗ Camão.

Bibli. A. Themido, *Aves de Portugal*, C., 1931; D. Bannerman e W. Mary, *Birds of the Atlantic Islands*, II-III Ed., 1965-1966; O. Castro, *Glossário de Nomes dos Peixes*, Lx., 1954; F. Frade e A. Bacelar, «Cat. Aves da Guiné», em *Anais J. Inv. Ultr.*, X, t. 5, f. 2, Lx., 1955; E. Santos, *Zool brasileira*, V (Aves), RJ., 1960.

F. Frade

Galinheiro – ZOOL. ↗ *Aviário*.

Galinholá – Zool. Tb. conhecida por gamarra, é ave de arribação, com interesse cinegético, *Scolopax rusticola*, da fam. *Scolopacidae*, ordem Charadriiformes, encontradiça em Portugal nos meses de Outubro a Março, mês em que regressa ao Norte. Todavia, a G. vive permanentemente nos Açores e na Madeira, onde se reproduz. A sua pop. é, possivelmente, reforçada por elementos imigrantes, visto não apresentar indícios de raça local. ↗ *Galinha-d'água*.

Bibli. A. Themido, *Aves de Portugal*, C., 1933; D. Bannermann e W. Mary, *Birds of the Atlantic Islands*, II-III, Ed., 1965-1966.

F. Frade

Galinhos – Munic. Do Est. do Rio Grande do Norte, criado após o último Recenseamento (1960). Formado pelo distr. de igual denominação.

Galinota – ZOOL. ↗ *Galinha-d'água*.

Galináceos – ZOOL. Em rigor, o termo G. corresponde às espécies do gén. *Gallus*, a que pertencem as galinhas e galos, domésticos e selvagens, embora seja extensivo aos restantes ↗ galiformes. Além do que se encontra exposto em ↗ ↗ galinha e capoeira, é de referir o seguinte: I) *Classificação morfológica das raças domésticas*: 1) *Raças urupigianas* (com glândula de uropígio): A) *Raças tetradácticas* – de tarsos nus, crista simples, denteada ou frisada e configuração semelhante à do *G. bankiva*. Exs.: raças minorca e andalusa, Leghorn, Rhode-Island, Plymouth-rock, Orpington, etc. (todas mediolíneas de crista denteada); raças hamburguesas e Bantam Sebright (mediolínea de crista frisada); raças Bantam japonesas ou Negaraki (brevilínea); raças combatentes, inglesas, francesas, etc. (longilíneas). B) *Raças tetradácticas, calçadas* – Exs.: raças cochinchinesas (com crista normal, denteada) e raças holandesa, paduana, etc. (com crista reduzida e poupa). C) *Raças pentadáctilas* – Exs.: raças Dorking e Houdan (calçada), etc. 2) *Raças anuropigianas* (sem europígio) – raças asiática anã ou wallikiki (sem rectrizes falciformes caudais). II) Tb. se classificam as raças domésticas de G., consoante a sua utilização, em raças de consumo, poedeiras e ornamentais. Ao 1º grupo pertencem principalmente as raças inglesas Orpington, Dorking, Sussex, etc; ao 2º as raças Espanhola Minorca e a Holandesa Barnevelder; a ambos os grupos as raças americanas Plymouth-Rock, Rhode-Island, etc.; finalmente, no 3º grupo estão as raças Fenix, em cujo macho da var. japonesa (Shira-Figi ou Glicínia-branca) as penas caudais chegam a atingir c. 2 m, a galinha-da índia, ou galinha-cócó, a mais pequena de todas as galinhas, etc.

Bibli. P. Moraes, *Zool. Elem. agrícola*, Lx., 1897; C. Lamarche e D. Navarro, *Galinhas e ovos*, L., 1924; J. Letrad, «Origine des oiseaux domestiques», em Grasset, *T. Zool.*, XV, 1950.

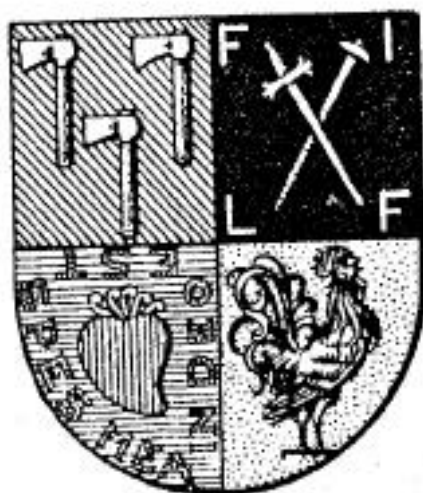
F. Frade

Na Heráldica encontrámos o galo no brasão dos Machados, tal como também Moisés Espírito Santo lhe faz referência em *O Brasonário Português e a Cultura Hebraica*.⁶⁵

A referência em Armorial Lusitano sobre estas armas é a seguinte:

Esquartelado: o primeiro de verde, com três machados de prata, encabados de ouro; o segundo de negro, com uma espada de prata e um bastão de ouro, com as pontas para baixo, passados em aspa e acompanhados das letras F, I, L, F, de prata, que significam “Ferdinandus Imperator Libenter Fecit”; o terceiro de azul, com um coração de vermelho, cercado da legenda “SPES MEA IN DEO EST” de ouro; o quarto de ouro, com um galo branco semeado de penas negras voltado”.

E ainda nas armas dos Sanches do Porto, que são: De azul, com um galo de sua cor, realçado de ouro, sobre um monte de sua cor e neste um ramo verde. Timbre: o galo cantante.



Machado (outros)



Sanches (do Porto)

⁶⁵ Espírito Santo, Moisés. *O Brasonário Português e a Cultura Hebraica*, ISER, UNL, Lisboa 1997. p. 173 e 209

QUE MISTÉRIO TEM O SETE

«E abençoou Deus o dia sétimo, e o santificou; porque nele descansou de toda a sua obra, que Deus criara e fizera»

Gênesis 2:3

Oferecida por um amigo, uma cassete de música latino-americana, tinha entre outras uma canção que se intitulava: “ *Que mistério tem o sete* ”, e que despertou em mim a curiosidade e o fascínio por este misterioso número, considerado sagrado e em relação ao qual temos alguns preconceitos, não compreendendo se por *acaso*, seja lá o que *acaso* queira dizer, ou se motivado por alguma força ainda mais misteriosa. O certo é que este número tem uma relação muito especial e própria connosco, afirmando-se como um numero ao qual inconscientemente estamos fortemente ligados.

Hipócrates afirma mesmo:

«O número **sete**, dadas as suas virtudes ocultas está na origem de todas as coisas; ele é o promotor da vida e a fonte de todas as mudanças - a própria Lua muda de fase de **sete** em **sete** dias. Este número influencia todos os seres sublimes».

José Honório Ramírez Meza no seu livro *Gotas de Sabiduria*, diz que:

«O **sete** é o símbolo da Espiritualidade Divina, considera-se de boa sorte, atrai conhecimentos benéficos ou dinheiro sem ser esperado, curas, milagres, fé, é o número da introversão, na sua parte negativa representa o engan». ⁶⁶

Estas foram razões suficientes que me levaram a procurar o número **sete**, a levantar alguns dos véus que conduzem ao conhecimento, à descoberta do símbolo.

Alguns tempo depois de ter iniciado esta minha viagem encontro a obra de Desmond Varley *Sete o Número da Criação*, encontro esse que me proporcionou uma extraordinária alegria, e que recomendo vivamente.

Esta registo é pois um pouco o resultado dessa busca comum, se bem que de uma forma bastante sintética e enumeradora, onde o **sete** percorre o caminho que vai das crenças populares aos textos sagrados passando por fórmulas mágico-religiosas ou pela *Palavra de Deus*.

⁶⁶ Meza, J. Honório Ramirez, *Gotas de Sabiduria*, México1994, p. 75

Antes de continuar, convém debruçarmo-nos sobre o significado de Símbolo. Símbolo será uma linguagem silenciosa que o Criador utiliza na sua obra para nos ensinar verdades e normas para uma vida de plenitude.⁶⁷

A força do próprio símbolo reside no facto de, ao levantarmos o véu que é a resposta à pergunta formulada, nos depararmos com uma outra envolta em novo véu e precedida de uma nova questão e assim sucessivamente, ao encontro de diversos significados cujo limite é a nossa vontade de os desvendarmos, a nossa persistência na busca. Jesus responde aos discípulos:

«É por isso que eu falo por semelhança, porque vendo, eles não vêem, e ouvindo, eles não ouvem... Mas vós sois felizes, porque tendes olhos que vêem e ouvidos que ouvem».

Símbolo é pois, sem dúvida, um sinal particular de reconhecimento para quem quiser e puder procurar o seu significado.

«E eu vos digo a vós: Pedi e dar-se-vos-á: buscai e achareis: batei e abrir-se-vos-á».

Vejamos então um pouco do número que tradicionalmente é escolhido para representar a Eternidade.

Sete são as cores do Arco-íris

Sete são as notas musicais: dó, ré, mi, fá, sol, lá, si.

Sete são os dias da semana. -" *E Deus abençoou o sétimo dia e fê-lo santo*"

Sete são os Mares

Sete são as colinas de Roma

Sete são os Reis do Império

Sete são as maravilhas do Mundo, (segundo Antípatros, poeta Grego do séc. IV): Colosso de Rodes; Mausoléu de Helicarnasso; Templo de Artémis; Estátua de Zeus; Farol de Alexandria; Jardins suspensos da Babilónia e Pirâmides do Egipto.

Sete vidas têm os gatos

Sete, diz-se são as mulheres para cada homem

Sete são os véus da dança

⁶⁷ Cf. José Honório Ramirez Meza, Op. Cit. p. 17

Sete são as estrelas que compõem a Ursa Maior (norte), o Cruzeiro do Sul (sul), e a Orion (equador celeste).

APYSITOS – é uma pedra negra pesada e atravessada por veias encarnadas. Esquentada ao fogo guarda o calor por sete dias. (Esidoro de Sevilha séc.VII).

No Peru a Guaca ou Templo do Sol tem sempre sete degraus.

Para os Romenos o sétimo filho do sétimo filho é dotado de clarividência. E segundo as nossas crenças populares o sétimo filho homem será Lobisomem, e aquando da transformação (cavalo, burro, lobo, cão, etc.) deverá percorrer sete freguesias ou sete encruzilhadas.

Sete são tradicionalmente as Ciências ou Artes Liberais: Gramática, Retórica, Lógica, Aritmética, Geometria, Astronomia e Musica.

Sete foram os anos que Ulisses passou em Calipso, após deixar Tróia (Odisseia).

Os Matemáticos chamam ao número sete o número virgem. E setenta e sete, o heptagrama duplo, era o número da Deusa Virgem Atena ou Minerva⁶⁸.

Vejamos também alguns provérbios e ditados populares: sete alfaiates para matar uma aranha; sete cães a um osso; sete fôlegos; sete olhos; sete palmos de terra; sete e meio; sete estrelo; sete é conta de mentiroso; sete ofícios, catorze desgraças; sete vezes peca o justo; sete e sete são catorze e mais sete vinte e um, tenho sete namorados e não gosto de nenhum; pintar o sete; sete-cotovelos; sete-em-rama; sete espigas; fazer um bicho-de-sete-cabeças; botas das sete léguas; sete fontes; Sete são os anos de azar para quem partir um espelho; menina das sete saias; etc., etc.

⁶⁸ Jonh Michel – the Dimension of Paradise – Thames and Hudson, 1998 – pp.78,79

Ao sabor da memória alguns filmes: Os sete magníficos; Sete noivas para sete irmãos; Os sete Samurais; Seis dias e sete noites; Sete dias e sete noites; Sete pecados mortais.

E livros:

Trindade Coelho – *O Senhor Sete*
Lima de Freitas – *Pintar o Sete*
Grimm – *Branca de Neve e os Sete Anões*
Paracelso – *Os Sete Livros dos Supremos Ensinaamentos Mágicos*
Agostinho da Silva – *Sete Cartas a um Jovem Filósofo*
John Ruskin – *Las Siete Lámparas de la Arquitectura*
Tristan Tzara – *Sete Manifestos Dada*
Bergman – *O Sétimo Selo*
Paulina Chizane – *O Sétimo Juramento*
Fernanda Botelho – *O Enigma das Sete Alíneas*
John Gardner – *007 Garra Quebrada*
John Gardner – *007 Goldeneye*
John Gardner – *007 O Homem de Barbarossa*
John Gardner – *007 Por Serviços Especiais*
Evelyne Lallemmand – *Os Sete a 200 à Hora*
Evelyne Lallemmand – *Os Sete Ajudam Lucky Star*
Evelyne Lallemmand – *Os Sete e a Bola de Cristal*
Evelyne Lallemmand – *Os Sete e a Casa Assombrada*
Evelyne Lallemmand – *Os Sete e a Estatueta de Ouro*
Evelyne Lallemmand – *Os Sete e o Bairro do Paraíso*
Evelyne Lallemmand – *Os Sete e o Mágico*
Evelyne Lallemmand – *Os Sete e os Discos Voadores*
Evelyne Lallemmand – *Os Sete em Maus Lençóis*
Evelyne Lallemmand – *Os Sete Fazem Cinema*
Evelyne Lallemmand – *Os Sete na Caça ao Leão*
Evelyne Lallemmand – *Os Sete não Acreditam no Pai Natal*
Vários – *Sete Aleluias Inéditas*
Vários – *Os Sete Encantados*
Vários – *Sétima Antologia de Poesia Contemporânea*
Vários – *Sétima Colina*
Jean Rey – *As Sete Cadeirinhas*
Rui Namorado – *Sete Caminhos*
Maria Helena Araújo – *Os Sete Castelos*

José M. Anacleto – *Sete Chaves*
Karen Blixen – *Sete Contos Góticos I e II*
Fátima Granadeiro – *Sete Cores 3 e 4*
Irmãos Grimm – *7 Corvos*
Ana Curti – *Sete Dias em Nossa Casa*
Ana Curti – *Sete Dias na Quinta*
Enid Blyton – *Os Sete e a Marca Vermelha*
Enid Blyton – *Os Sete e as Medalhas do General*
Enid Blyton – *Os Sete e o Fogo de Vista*
Enid Blyton – *Os Sete e o Telescópio*
Enid Blyton – *Os Sete e o Violino Roubado*
Enid Blyton – *Os Sete e os Cães Roubados*
Enid Blyton – *Os Sete e os seus Rivaís*
Enid Blyton – *Os Sete Levam a Melhor*
Enid Blyton – *Os Sete Salvam o Cavalo*
Eva Figes – *As Sete Gerações*
Reg Cox/Neil Morris – *7 Histórias Completas*
Reg Cox/Neil Morris – *Sete maravilhas do Mundo Antigo*
Reg Cox/Neil Morris – *Sete Maravilhas do Mundo Medieval*
Reg Cox/Neil Morris – *Sete Maravilhas do Mundo Moderno*
Reg Cox/Neil Morris – *Sete Maravilhas do Mundo Natural*
Tristan Tzara – *Sete Manifestos Dada*
Irving Wallace – *Os Sete Minutos*
Irving Wallace – *O Sétimo Segredo*
Sem Autor – *7 Novos Escultores*
Desmond Varley – *Sete, Número da Criação*
Maria do Rosário Santos – *Sete Olhares*
Charles Journet – *As Sete Palavras de Cristo na Cruz*
Fernando Namora – *As Sete Partidas do Mundo*
Bertold Brecht – *Os Sete Pecados Mortais dos Pequenos Burgueses*
António Cabral/Manuel Pires Cabral – *7 Peças em um Acto*
Van Der Loeff – *Sete Pequenos Pioneiros*
T.E. Lawrence – *Os Sete Pilares da Sabedoria*
Cairns-Smith – *Sete Pistas para a Origem da Vida*
Paulo Guilherme D'Eça Leal – *As Sete Portas de Arsenise*
Stig Dagerman – *As Sete Pragmas do Casamento*
Carlos Pinhão – *Sete Recados*

Paul Celan – *Sete Rosas Mais Tarde*

Carlos Pinhão – *Sete Setas*

Gilles Martinet – *Sete Sindicalismos*

Bernard Demory – *7 Técnicas de Criatividade*

Fátima Murta – *Sete Véus para Salomé*

Daniel Gala – *Sete Vezes Um*

Gomes Francelino – *Setemat 7*

José Dias – *Sétima Letra*

J. Rentes de Carvalho – *Sétima Onda*

Geraldine Harris – *Sétima Porta*

José Pedro Machado/Pedro Soares Machado – *Sétimo Centenário da Morte de Alfonso X*

Sebastião Antunes Rodrigues – *Sétimo Centenário do Casamento de D. Dinis com a Princesa de Aragão D. Isabel*

Isabel Nunes Governo/José Manuel Anacleto – *Sétimo Circulo, Coroa de Liberdade*

Maria Alberta Meneres/Carlos Correia – *Sétimo Descarrilamento*

Batista Bastos em *Viagem de um Pai e de um Filho pelas Ruas da Amargura* a certa altura escreve:

«(...) Caminham agora lado a lado, os dois. O Velho vai contando que comeu tandoori nas praias de cabo Camorin, onde três oceanos confluem e cujas areias têm sete cores diferentes: vermelho, amarelo, castanho, prata, azul, púrpura e laranja.

-Foi ali que o deus Shiva desposou a deusa Parvati, e as sete variedades de arroz lançadas por ocasião daquela cerimónia transformaram-se em sete areias de sete cores diferentes.

- Porque diz isso, se nunca esteve nesses sítios?

- Estive certamente. Ou não estive? Mas isso será importante, filho? Creio que estive. E, se não estive, merecia ter estado. (...)».⁶⁹

O cantor Zeca Afonso, na sua canção – «Sete fadas me fadaram» diz:

«...Sete fadas me fadaram, sete irmãos me renegaram, sete vacas me morreram outras sete me mataram, sete setes desvendei, sete laranjas de ouro, sete piados de agoiros, sete coisa que eu cá sei,

⁶⁹ Bastos, Baptista. *Viagem de um Pai e de um filho pelas ruas da Amargura*. O Jornal, 3ª ed., Lisboa 1987, p. 13

sete cabras mancadas, sete bruxas velhas, sete salamandras, sete cegarregas, sete foles, sete vidas, sete espadas, sete dores, sete mortes, sete vidas, sete estrelas me ocultaram, sete luas, sete sois, sete sonhos me negaram, aqui d'el rei é de mais...».

Ainda em «Anjos da meia praia», também diz: «com sete palmos de terra constrói-se uma cabana».

Os *Trovante* gravaram para disco a «Balada das Sete Saias», que diz:

Sete ondas se noivaram
Ao luar de sete praias
Sete punhais se afiaram
Menina das sete saias

Sete estrelas se apagaram
Sete que pena chorai-as
Sete segredos contaram
Menina das sete saias

Sete bocas se cavaram
Com sete beijos beijai-as
Sete mortes evitaram
Menina das sete saias

Sete bruxas se encontraram
No norte das sete balaías
Sete vassouras montaram
Menina das sete saias

Sete fogos contrataram
Sete cornos e zagaías
Aos sete encomendaram
Menina das sete saias

Sete princesas toparam
Com mais sete lindas aias
Por sete e sete deixaram
Menina das sete saias
Sete danças que bailaram
Sete vezes que desmaiaram
Sete luas te ansiaram
Menina das sete saias

Sete vezes se encantaram
No bosque das sete faias
Sete sonhos desfolharam
Menina das sete saias

E quem não lembra João Vilaret quando dizia, de Camões:

Sete anos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
mas não servia ao pai, servia a ela,
que a ela só, por prémio pretendia.

Os dias na esperança de um só dia
passava, contentando-se com vê-la;
porem o pai, usando de cautela,
em lugar de Raquel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos
lhe fora assim negada a sua pastora,
como se a não tivera merecida,

Começa de servir outros sete anos,
dizendo: - “Mais servira, se não fora
para tão longo amor tão curta a vida!”

Mas continuemos.

«(...) Em cada linha evolutiva existem dois pontos onde o movimento não pode prosseguir sem uma ajuda externa. Em dois lugares precisos, é necessário um impulso suplementar através de uma força exterior. Tudo necessita de um impulso, nesses pontos, pois de outro modo deixa de poder mover-se. Encontramos esta “Lei do número sete” em toda a parte, na Química, na Física, etc.: Tudo é regido pela mesma lei. O melhor exemplo deste princípio é a estrutura da escala musical. (...)».

Conferência proferida por Gurdjieff, Basileia 1982

Na Doutrina Teosófica de Madame Blavatsky existe a teoria de que, todo o Cosmos consiste num processo de evolução e involução com sete estadios.

Sete são os Níveis Energéticos de Pierre Weil *in* “Fronteiras da Evolução e da Morte”:

- 1º - Segurança e conservação do indivíduo.
- 2º - Sensualidade e conservação da espécie
- 3º - O Poder
- 4º - Compaixão

5º - Abertura à “inspiração”; criatividade

6º - Conhecimento, intuição e razão

7º - A Consciência cósmica

Na ilha de Pentecostes que faz parte do Arquipélago de Vanuatu no Pacífico Sul, os seus habitantes são conhecidos mundialmente por praticarem “maghol”, ou seja saltos de uma alta torre com os pés presos por lianas.

Os mais jovens iniciam-se por volta dos quatro anos a saltar de rochas e pequenas torres. Só aos sete anos é que saltam pela primeira vez da grande torre que tem cerca de trinta metros de altura, são também circuncidados nesta altura e deixam de ser considerados crianças.

No Quênia, os Gabbra, povo que vive no distrito de Marsabit, durante a celebração do nascimento de uma criança, cerimónia que congrega toda a aldeia, a dada altura do ritual, tem lugar a recitação de uma oração em forma de ladainha. Sete homens, em coros alternados, entoam várias invocações. Por fim, é a vez do pai proclamar: “Que cresça! Que seja capaz de pastorear e mungir os seus rebanhos e manadas. Deus lhe dê muitos irmãos! Que cresça! Que prospere!”

Sete são os dias que dura cada período lunar ou fase da lua, e há um período de sete dias entre as marés dos quartos lunares.

Segundo Ptolomeu eram sete os planetas (que se viam a olho nu): Sol, Lua, Mercúrio, Vénus, Marte, Júpiter e Saturno. E sete os metais que lhes correspondiam: ouro, prata, ferro, mercúrio, zinco, cobre e chumbo.

Nas divindades do Candomblé os sete Orixás desmultiplicam-se em mais sete legiões cada um.

Os emblemas de Buda eram sete e sete os céus Búdicos. E quando Bodhisatva nasceu deu sete passadas, a legenda de Buda conta que a serpente enrolou ao seu corpo sete vezes, mas não conseguindo esmagá-lo, transformou-se num jovem prostrado perante Gautama.

A tradição Hindu atribui sete raios ao sol. Sete são os Prajapatis – filhos espirituais de Brahma. Há também sete Rishis ou sábios e sete Manus ou governadores do mundo. E o homem existe em sete planos: Sensação, Emoção, Inteligência reflectida, Intuição, Espiritualidade, Vontade e Intuições do Divino.

Sete são os Chacras ou centros subtis do Yoga.

Ao sétimo dia do mês mandava o culto de Apolo que se fizessem as celebrações, e sete cordas tinha a sua lira.

Sete era o número das flautas de Pan.

Sete eram as portas do sol.

Na Grécia antiga sete eram as cordas da lira de Orfeu que simbolizavam a ordem perfeita, a ordem do espírito, semelhante aos sete astros do céu. Cada corda representava um modo de expressão intelectual. Sete eram as Hespérides e sete as Portas de Tebas.

Sete são os sábios da Grécia:

- ♦ Bias de Priene
- ♦ Chilon de Sparta
- ♦ Cleobulus de Lindus
- ♦ Periander de Corintiu
- ♦ Pittacus de Mitylene
- ♦ Solon de Atenas
- ♦ Thales de Miletus

Herodoto (111,VIII) descreve um processo árabe de rogar pragas que comporta sete pedras pintadas de sangue.

Calímaco no hino a Delos, falando dos cisnes descreve: «(Os cisnes) rodearam Delos sete vezes...e não tinham ainda cantado pela oitava vez quando Apolo nasceu.

«(...) Produzem sons, que se distinguem por seu intervalos, e que são sete, número fulcro da totalidade das coisas(...)».

Cícero – O Sonho de Cipião

Na figura Mitraica de Cronos a serpente enrola-se sete vezes à volta do seu corpo. A religião Mitraica era composta por sete graus iniciáticos, que correspondiam a outros tantos planetas:

- 1º - Corvo/Mercúrio
- 2º - Esposa/Venus
- 3º - Soldado/Marte
- 4º - Leão/Jupiter
- 5º - Persa/Lua
- 6º - Correio do sol/Sol
- 7º - Pai/Saturno

«(...) Mas aquelas oito esferas, das quais duas possuem a mesma força, produzem sete sons distintos consoante os espaços vazios, número esse que é a chave de quase todas as coisas (...)»

Cícero, De republica, sec. I a.c. – ed. Estugarda 1979

Osiris, divindade egípcia é associada à lua e o número sete, catorze e vinte e oito são relacionados com o ciclo lunar.

Ó essas sete palavras
Que levais a balança
Esta noite

Em que se conta o Olho Sagrado...
Eu vos conheço
Eu conheço os vossos nomes
Restituí-me o ceptro da vida

O filósofo Japonês Nyoiti Sakurazawa descreve as leis que regem o processo de transformação do universo como: «Sete Princípios da Ordem do Universo»: – 1 – Todas as coisas são diferenciações provenientes da unidade Um. 2- Tudo se transforma e modifica. 3- Todos os antagonismos se completam. 4- Não existem coisas idênticas. 5- Tudo o que tem uma parte da frente tem uma parte de trás. 6- A parte da frente é tão grande como a parte de trás. 7- Tudo o que tem princípio tem fim.

Na tradição Japonesa sete são os deuses da sorte, ou da boa fortuna:

- ◆ Ebisu – deus da pesca e do comercio
- ◆ Daikoku – deus da riqueza e agricultura
- ◆ Bishamon – guardião
- ◆ Benzaiten – deusa da água, da musica, e da riqueza
- ◆ Hotei – deus da boa sorte
- ◆ Fukurokujo – deus da longevidade
- ◆ Jurogin – deus da longevidade

Para o Chineses o génio mau é «a raposa de sete rabos», e os santos e os sábios têm sete cavidades no coração. No sétimo dia do sétimo mês em toda a China celebram-se grandes festejos, o Lotus de sete folhas é símbolo de sorte.

Os Zigurates, observatórios astronómicos da Mesopotamia eram construídos em três ou sete níveis.

Lugulamnemundo, rei Sumério, mandou construir um templo dedicado à deusa Nintu que tinha sete porticos e sete portas e foram sacrificados sete vezes sete animais na sua inauguração.

Sete são os deuses infernais, que depois da sua morte o grande rei Sumerio Ur-Nammu visita quando chega ao Kur⁷⁰.

⁷⁰ Kur era o espaço vazio que separava a crosta terrestre do mar primordial, e era para este lugar que iam todas as sombras dos mortos.

No símbolo de Caduceu (Suméria 2600 a.C.) as serpentes cruzam-se sete vezes. Este símbolo é ainda hoje utilizado como símbolo da medicina.

Os Quemant povo Etíope que vive na região de Gondar, conhecidos como *Judeus-pagãos*, acreditam num só Deus que está em toda a parte e que se chama Yeadara. Yeadara é assistido por sete anjos: Jakaranti, Kiberwa, Aderaiki, Kiddisti, Mezgani, Shemani, e Anzatatera.

Moisés Espírito Santo em *Origens do Cristianismo Português*, no relato de Luciano de Samocata sobre a deusa Síria, a dada altura lê-se o seguinte:

«(...) os propiléus do santuário orientam-se para o norte, numa extensão de cerca de cem braças (180 mt.). É sobre estes propiléus que se erguem os falos que Dionisios erigiu; estes falos têm trinta braças de altura (54 mt.). Duas vezes por ano, um homem sobe para o cimo de um deles e fica ali durante sete dias. Eis a razão que se dá deste costume. O povo está persuadido de que, deste lugar elevado, o homem conversa com os deuses, lhes pede para concederem os seus favores a toda a Síria e os deuses ouvem mais de perto as suas preces. (...)».

Numa outra passagem mais à frente refere:

«(...) depois da morte, os Gallos⁷¹ não são enterrados como os outros homens. Quando morre um Gallo os confrades pegam nele e levam-no para um subúrbio onde o depositam com a padiola que serviu para o transportarem; atiram-lhe pedras para cima e depois retiram-se. Aguardam então sete dias antes de voltarem ao templo. Se entram ali antes de expirar este prazo, cometem um sacrilégio».

Na casa de Hiparco, um dos membros das primeiras comunidade Judaico-Cristãs, havia uma sala preparada para a oração; na parede oriental

⁷¹ Espírito Santo, Moisés. Op Cit. p. 38 e seguintes

estava pintada uma cruz e era aí que, com o rosto voltado para o Oriente, Hiparco orava sete vezes por dia⁷².

Segundo o *Talmudh* (antiga colecção de leis, preceitos, tradições e costumes judaicos, compilada pelos doutores hebreus) – Pessah'im 54 a – sete coisas foram criadas antes da criação do mundo: a *Torah*, o arrependimento, o jardim de Eden, a Guehena, o trono da Glória, o Templo e o nome do Messias.

No Livro do Esplendor, o Zohar, no capítulo Génesis em *A grande festa*, o Rabi Isaac responde ao Rabi Judá:

«... Vim para te pedir três coisas. A primeira é: Sempre que repetires uma das minhas explicações sobre a Tora, que o faças em meu nome. Segunda: Peço-te que ensines a Tora ao meu filho José. E terceira, peço-te que vás de sete em sete dias à minha campa rezar. ...».

Mais à frente: “... Então o Rabi Simeão ergueu-se e disse: Senhor do Universo! o Rabi Isaac é ilustre entre nós: é um dos sete olhos do mundo. Está comigo: dá-mo, pois, agora. ...”

No sonho o pai do Rabi Isaac responde-lhe: “... Companheiros que aqui estais, orgulhai-vos do Rabi Simeão que fez um pedido (para que o Rabi Isaac viva) que lhe foi concedido. Mais ainda: existem aqui setenta lugares coroados que são seus e cada lugar tem portas que se abrem para setenta mundos e cada mundo abre-se para setenta canais e cada canal abre para setenta coroas supremas e daí os caminhos conduzem ao Antigo e ao Impenetrável...”

Um pouco depois o Rabi Judá diz: “Durante sete dias, a alma vai da sua casa ao seu túmulo e do seu túmulo a sua casa, errando de luto o corpo, conforme o versículo: “Mas é só por ele que a sua carne sofre; é só por ele que a sua alma está de luto” (Job XIV, 22) e, como ela vê a dor na sua casa também sofre.

⁷² Les Actes d'Hipparque et Philothée citados em J. Daniélou, *Théologie du Judéo – Christianisme* 1960, Pg.292.

Sabemos que ao fim destes sete dias começa a decomposição do corpo e a alma vai para o lugar que é seu. ...”⁷³

Em O Êxodo – *Os dez Sephirot*, acerca dos atributos Divinos e das suas manifestações, pode ler-se:

«... Esta vasta bacia é dividida em sete canais semelhantes a outras tantas longas passagens; as águas vão do mar a estes sete canais. No conjunto, a origem, a corrente, o mar e os sete canais perfazem o número dez. ... E, finalmente, “Ele divide (o mar) em sete ribeiros” (Isaías XI, 5), isto é, Ele vasa-o em sete recipientes a quem chama Grandeza, Poder, Glória, Triunfo, Majestade, Fundamento, Realeza, (estes nomes designam os sete sephirot “inferiores”)...».⁷⁴

Mais à frente, acerca do Sabath, refere ainda: «... Lembra-te do dia do Sabath (Sábado) para o santificares (Exôdo XX, 8).

O Rabi Isaac disse: Está escrito: “E Deus abençoou o sétimo dia (Gênesis II, 3); apesar disso diz-se do maná: “Seis dias colhereis, mas no sétimo dia, dia de Sabath, nada haverá” (Exôdo XVI, 26). Que bênção pode este dia comportar faltando o alimento? Sabemos no entanto que do sétimo dia provêm todas as bênçãos de cima e de baixo. Porque é que precisamente neste dia faltava o maná?

Isto está explicado da seguinte maneira: os seis “dias” do mundo transcendente emanaram as suas bênçãos do sétimo dia e a partir do que recebeu do sétimo dia, cada um dos seis dias celestes envia alimento ao mundo de baixo. Daí: aquele que acedeu ao grau da fé tem o dever de preparar uma mesa e uma refeição na véspera de Sabath (Sexta-feira) para que a sua mesa seja abençoada durante os seis outros dias da semana. É assim porque, ao mesmo tempo que se prepara o Sabath, prepara-se a bênção para todos os seis dias que virão, pois uma mesa em que nada há não recebe bênção alguma. Daí a obrigação de dispor na mesa, na véspera de Sabath, pão e outros alimentos...”

Segundo a tradição judaica, de sete em sete anos, no ano Sabático, as terras mudavam de posse.

⁷³ O Zoar, Op.Cit. p. 54 e seguintes

⁷⁴ O Zoar, Op.Cit. p. 79 e seguintes

Os Cabalistas Judeus admitem sete céus, cada um deles mais pleno de felicidade que o anterior, sendo o sétimo a casa de Deus e dos Anjos Superiores. Etimologicamente o verbo hebraico «Praquejar», significa literalmente «ficar sob a influência do sete».

Sete são os braços da Menorá – candelabro dos judeus.

Segundo a tradição Judaica de sete em sete anos, no ano sabático, as terras mudam de posse.

Também para os Judeus quando morre um familiar deve abster de trabalhar durante sete dias.

A Festa das Cabanas dura sete dias

As principais festividades dos Hebreus duravam sete dias e os sacrifícios mais importantes eram feitos com sete animais.

A religião Islâmica admite sete paraísos diferentes, sendo o sétimo « o verdadeiro paraíso da Luz Divina» onde se diz que ai cada habitante é maior do que a terra inteira, possuindo cada um setenta mil cabeças, cada cabeça com setenta mil caras, cada cara com setenta mil bocas, cada boca com setenta mil línguas. O inferno é também composto por sete patamares.

No sec. XVII, o sultão Moulay Ismail ordenou a selecção de sete santos islâmicos que formassem a hierarquia espiritual da cidade de Marrakech.

Sete eram os adormecidos na caverna (Corão, XVIII. 8).

Sete são as voltas que os peregrinos dão à Caaba em Meca.

Ainda segundo a tradição islâmica a sua doutrina que é a da submissão à vontade de Alá, assenta sobre dois testemunhos de fé e cinco pilares:

1º - Não existe outra divindade à margem da própria divindade.

2º - Maomé é o seu profeta.

3º - Oração.

4º - Jejum no Ramadão.

5º - Dizimo para os pobres.

6º - Peregrinação a Meca.

Segundo a Bíblia sete é o símbolo da Totalidade ou Plenitude.

Sete são os vícios capitais – três são relativos ao Espírito: Soberba, Ira, Inveja e quatro são relativos ao corpo: Luxúria, Gula, Avareza e Preguiça.

Segundo o rito católico, após o funeral a primeira missa por alma é a do sétimo dia.

Sete são as coisas a que Deus tem horror: Os olhos orgulhosos; a língua mentirosa; as mãos que espalham o sangue inocente; o coração que urde os desígnios perversos; os pés impacientes que correm para o mal; a falsa testemunha que exala a mentira; o homem que desencadeia a discórdia entre os irmãos.

Sete são as Virtudes – três sobrenaturais ou teológicas: Fé, Esperança e Caridade e quatro morais: Prudência, Justiça, Fortaleza e Temperança.

Sete mais sete são as oras de Misericórdia – Sete corporais e sete espirituais. Respectivamente: Dar de comer a quem tem fome, dar de beber a quem tem sede, vestir os nus, dar pousada a peregrinos, assistir aos enfermos, visitar os presos e enterrar os mortos. As sete espirituais: Dar bom conselho, ensinar os ignorantes, corrigir os que erram, consolar os tristes, perdoar as injúrias, sofrer com paciência as fraquezas do nosso próximo, e rogar a Deus por vivos e defuntos.

Sete são os Sacramentos, os três primeiros relativos à vida espiritual: Batismo, Confirmação, Eucaristia. Os restantes quatro relativos à vida social: Penitência, Ordem, Matrimônio e Extrema-unção.

Sete é o número do Espírito Santo e sete são os Dons do Espírito Santo: Sapiência, Entendimento, Conselho, Fortaleza, Ciência, Piedade e Temor a Deus.

O Padre Nosso contem sete petições, três relativas a Deus e as restantes quatro ao homem.

1. Santificado seja o vosso nome
2. Venha a nós o vosso reino
3. Seja feita a vossa vontade
4. O Pão nosso de cada dia nos dai hoje
5. Perdoai as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido
6. Não nos deixeis cair em tentação
7. Mas livrai-nos do mal

Sete dias e sete noites o Dilúvio assolou a terra (Narrativa do Dilúvio – Placa Suméria de seis colunas, publicada por Arno Poebel 1914)

Sete são os filhos de Neobe, sete são os reis que atacaram Tebas e sete os que a defenderam.

Sete foram os maridos que Sara filha de Raquel perdeu (Livro de Tobias).

Sete eram os discípulos a quem Jesus apareceu junto ao mar de Tiberiades.

Sete são as Parábolas do Reino de Deus: do Semeador, do trigo e do Joio, do Grão de mostarda, do Fermento, do tesouro, da Pérola, e dos peixes bons e maus (Mateus 13)

Sete foram os Irmãos Macabeus que pereceram às mãos de Antioco por se recusarem a violar a Lei de Deus.

Visão do trono

« (...) Sete eram os archotes diante do Trono que são os sete Espíritos de Deus

... ..

Sete são os selos do Livro que está na mão direita de Deus

... ..

Sete são as trombetas do Apocalipse

... ..

Sete é a chave do Apocalipse

... ..

Sete foram os trovões que responderam ao anjo que descia do céu com o pequeno livro na mão

... ..

Sete cabeças tinha o grande Dragão vermelho que lutou com a mulher

... ..

Sete cabeças tinha a fera que saía do mar

... ..

Sete são as Taças da Ira d Deus (...) »

Apocalipse 5;7;10;12;13;16

O sacrifício pelos erros dos sacerdotes

«(...) Então o sacerdote ungido tomará do sangue do novilho e o trará à tenda da congregação: E o sacerdote molhará o seu dedo no sangue, e daquele sangue espargirá sete vezes perante o Senhor, diante do véu do santuário. (...)».

Levítico 4:5,6

Jacob encontra Raquel

«(...) E Jacob amava a Raquel, e disse: Sete anos de servirei por Raquel, tua filha menor. Então disse Labão: Melhor é que eu ta dê, do que a dê a outro varão; fica comigo. Assim serviu Jacob sete anos por Raquel; e foram aos seus olhos, como poucos dias, pelo muito que a amava. (...)».

Gênesis 29:18 a 20

Labão engana Jacob

«(...) E aconteceu pela manhã ver que era Lea; pelo que disse a Labão: Porque me fizeste isso? Não te tenho servido por Raquel? Por que, pois me enganaste? E disse Labão: Não se faz assim no nosso lugar, que a menor se dê antes da primogénita. Cumpre a semana desta; então te daremos também, a outra, pelo serviço que ainda outros sete anos servires comigo.(...)».

Gênesis 29:25 a 27

Labão prossegue atrás de Jacob

«(...) E no terceiro dia, foi anunciado a Labão que Jacob tinha fugido. Então tomou consigo os seus irmãos, e atrás dele seguiu o seu caminho por sete dias; e alcançou-o na montanha de Gileade. (...)».

Gênesis 31:22,23

No encontro de Esaú e Jacob

«(...) E ele mesmo passou adiante deles, e inclinou-se à terra sete vezes, até que chegou ao seu irmão. Então Esaú correu-lhe ao encontro e abraço-o, e lançou-se sobre o seu pescoço, e beijo-o e choraram (...)».

Gênesis 33:3,4

O sonho do Faraó que José interpretou constava de sete vacas gordas e sete vacas magras, e de sete espigas cheias e de sete espigas secas.

Gênesis 41:1 a 37

O Sábado e as ofertas do Tabernáculo

«(...) Então fez Moisés ajuntar toda a congregação dos filhos de Israel, e disse-lhes: Estas são as palavras que o Senhor ordenou que se cumprissem.

Seis dias se trabalhará, mas o sétimo dia vos será santo, o sábado de repouso ao Senhor: Todo aquele que fizer obra nele morrerá.

Não acendereis fogo em nenhuma das vossas moradas no dia de sábado(...)».

Êxodo 35:1 a 3

«(...) Assim os céus, e a terra, e todo o seu exército foram acabados. E havendo Deus acabado, no dia sétimo, a sua obra que tinha feito, descansou no sétimo dia de toda a sua obra, que tinha feito.

E abençoou Deus o dia sétimo, e o santificou; porque nele descansou de toda a sua obra, que Deus criara e fizera. (...)»

Gênesis 2:1 a 3

Abimelech faz um pacto com Abraão

«(...) E tomo Abraão ovelhas e vacas, e deu-as a Abimelech, e fizeram ambos concerto.

Pôs Abraão, porém, à parte sete cordeiros do rebanho. E Abimelech disse a Abraão: Para que estão aqui estas sete cordeiras, que puseste à parte?

E disse: Tomarás estas sete cordeiras da minha mão, para que sejam em testemunho que eu cavei este poço. Por isso se chamou aquele lugar Berceba, porquanto ambos juraram ali. (...)».

Gênesis 21:27 a 31

O primeiro homicídio

«(...) O senhor, porém disse-lhe: Portanto, qualquer que matar Caím sete vezes será castigado. E pôs o Senhor um sinal em Caím, para que o não ferisse qualquer que o achasse. (...)»

Gênesis 4:5

«(...) E disse Lamech às suas mulheres: Ada e Zila ouvi a minha voz; vós, mulheres de Lamech, escutai o meu dito; porque eu matei um varão por me ferir, e um mancebo por me pisar.

Porque sete vezes Caím será vingado; mas Lamech, setenta vezes sete (...)».

Gênesis 4:23,24

O pacto que Deus fez com Noé

(Sete leis que Deus deu a Noé após o dilúvio ao saírem da Arca)

“ (...) E ABENÇOOU Deus a Noé e a seus filhos, e disse-lhes: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra.

2- E será o vosso temor e o vosso pavor sobre todo o animal da terra, e sobre toda a ave dos céus; tudo o que se move sobre a terra, e todos os peixes do mar, na vossa mão são entregues.

3- Tudo quanto se move, que é vivente, será para vosso mantimento; tudo vos tenho dado como a erva verde.

4- A carne, porém, com sua vida, isto é, com seu sangue, não comereis.

5- E, certamente requererei o vosso sangue, o sangue das vossas vidas; da mão de todo o animal o requererei; como, também, da mão do homem, e da mão do irmão de cada um, requererei a vida do homem.

6- Quem derramar o sangue do homem, pelo homem o seu sangue será derramado; porque Deus fez o homem conforme à sua imagem.

7- Mas vós, frutificai e multiplicai-vos; povoai abundantemente a terra e multiplicai-vos nela (...).

Gênesis 9:1 a 7

«(...) Havia um homem na terra de Uz, cujo o nome era Job; e este era homem sincero, recto e temente a Deus, e desviava-se do mal.

E nasceram-lhe sete filhos e três filhas.

E era seu gado sete mil ovelhas e três mil camelos e quinhentas juntas de boi, e quinhentos jumentos. (...).

Job 1:1 a 3

«(...) Então saiu Satanás da presença do Senhor, e feriu Job de uma chaga maligna, desde a planta do pé ao alto da cabeça.

... ..

Ouvindo, pois três amigos de Job, todo este mal que tinha vindo sobre ele, vieram cada um do seu lugar: Elifaz, o Temanita, e Bildad, o Suíta, e Sofar, o Naamatita; e concertaram juntamente virem condoer-se dele e consolá-lo.

E, levantando de longe os seus olhos e não o conhecendo, levantaram a sua voz e choraram; e rasgando cada um o seu manto, sobre as suas cabeças lançaram pó ao ar.

E se assentaram juntamente com ele na terra sete dias e sete noites; e nenhum lhe dizia palavra alguma, porque viam que a dor era muito grande (...).

Job 2:7,11,12,13

«(...) O que só estende os céus, e anda sobre os altos do mar. O que fez a Ursa, Orion, e o Sete-Estrelo, e as recâmaras do Sul. (...).

Job 9:8,9

«(...) Ou poderás tu ajuntar a delícias das sete estrelas, ou soltar os atilhos do Orion?
(...)

Job 38:31

«(...) Tomai, pois sete bezerros e sete carneiros, e ide ao meu servo Job, e oferecei holocaustos por vós (...).».

Job 42:8

«(...) E assim abençoou o Senhor o último estado de Job, mais do que o primeiro; porque teve catorze mil ovelhas, e seis mil camelos, e mil juntas de bois, e mil jumentos.

E também teve sete filhos e três filhas (...).».

Job 42:12,13

Elias foge para o Monte Sinai

«(...) Deixarei com vida em Israel sete mil pessoas que não se tenham ajoelhado diante de Baal, nem beijado as suas imagens (...).».

I Reis 19:17

O Reino do Messias é pacífico e próspero

«(...) E o Senhor destruirá, totalmente, o braço de mar do Egito, e moverá a sua mão contra o rio, com a força do seu vento, e, ferindo-o, dividi-lo-á em sete correntes, que qualquer atravessará com sapatos (...).».

Isaías 11:15

A questão do Tributo

«(...) Dizendo: Mestre, Moisés disse: Se morrer alguém não tendo filhos, casará o seu irmão com a mulher dele, e suscitará descendência a seu irmão.

Da mesma sorte o segundo, e o terceiro, até ao sétimo;

Por fim, depois de todos, morreu também a mulher.

Portanto, na ressurreição, de qual dos sete será a mulher, visto que todos a possuíram?

Jesus, porém, respondendo, disse-lhes: Errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus;

Porque, na ressurreição nem casam nem são dados em casamento; mas serão como os anjos de Deus, no céu (...).».

S. Mateus 22:24 a 30

A purificação da mulher, depois do parto

«(...) Falou mais o Senhor a Moisés dizendo:

Fala aos filhos de Israel, dizendo: Se uma mulher conceber e tiver um varão, será imunda sete dias, assim como nos dias da separação da sua enfermidade, será imunda (...).

Levítico 12:1 a 3

As leis acerca da praga da Lepra

«(...) Falou mais o Senhor a Moisés e a Aarão, dizendo:... Mas se a empola na pele da sua carne for branca, e não parecer mais profunda do que a pele, e o pelo não se tornou branco, então o sacerdote encerrará o que tem a praga por sete dias; E ao sétimo dia, o sacerdote o examinará; e eis que, se a praga, ao seu parecer, parou, e a praga na pele se não estendeu, então o sacerdote o encerrará por outros sete dias; E o sacerdote, ao sétimo dia o examinará outra vez; e eis que, se a praga se recolheu, e a praga na pele se não estendeu, então o sacerdote o declarará por limpo (...).

Levítico 13:1 a 33, 50, 54

A lei acerca do Leproso depois de sarado – 14:7 a 9, 16

A lei acerca da Lepra numa casa – 14:38

Imundices do homem e da mulher

«(...) Falou mais o Senhor a Moisés e a Aarão, dizendo: Falai aos filhos de Israel, e dizei-lhes: Qualquer homem que tiver fluxo da sua carne será imundo, por causa do seu fluxo.

...

Quando, pois, o que tem o fluxo estiver limpo do seu fluxo, contar-se-ão sete dias para a sua purificação, e lavará os seus vestidos, e banhará a sua carne em águas vivas; e será limpo.

...

Mas a mulher, quando tiver fluxo, e o seu fluxo de sangue estiver na sua carne, estará sete dias na sua separação, e qualquer que a tocar será imundo até à tarde.

...

E se, com efeito, qualquer homem se deitar com ela, e a sua imundícia estiver sobre ele, imundo será por sete dias; também toda a cama sobre que se deitar será imunda.

...

Porém quando for limpa do seu fluxo, então se contarão sete dias e depois será limpa (...).

Levítico 15:1,2,13,19,24,28

O Sacrifício pelo próprio Sumo-sacerdote

«(...) E tomará o sangue do novilho, e com o seu dedo espargirá sobre a face do propiciatório, para a banda do oriente; e perante o propiciatório espargirá, sete vezes, do sangue, com o seu dedo.

...

E daquele sangue, espargirá sobre ele, com o seu dedo, sete vezes, e o purificará das imundícias dos filhos de Israel, e o santificará. (...)».

Levítico 14:16,19

O Sábado e as ofertas do Tabernáculo

«(...) Então fez Moisés ajuntar toda a congregação dos filhos de Israel, e disse-lhes: Estas são as palavras que o Senhor ordenou que se cumprissem.

Seis dias se trabalhará, mas o sétimo dia vos será santo, o sábado de repouso ao Senhor: Todo aquele que fizer obra nele morrerá.

Não acendereis fogo em nenhuma das vossas moradas no dia de sábado (...)».

Êxodo 35:1 a 3

Abimelech faz um pacto com Abraão

«(...) E tomo Abraão ovelhas e vacas, e deu-as a Abimelech, e fizeram ambos concerto.

Pôs Abraão, porém, à parte sete cordeiros do rebanho. E Abimelech disse a Abraão: Para que estão aqui estas sete cordeiras, que puseste à parte?

E disse: Tomarás estas sete cordeiras da minha mão, para que sejam em testemunho que eu cavei este poço. Por isso se chamou aquele lugar Berceba, porquanto ambos juraram ali (...)».

Gênesis 21:27 a 31

«(...) E disse Lamech às suas mulheres: Ada e Zila ouvi a minha voz; vós, mulheres de Lamech, escutai o meu dito; porque eu matei um varão por me ferir, e um mancebo por me pisar.

Porque sete vezes Caím será vingado; mas Lamech, setenta vezes sete. (...)»

Gênesis 4:23,24

O pacto que Deus fez com Noé (Sete leis que Deus deu a Noé após o dilúvio ao saírem da Arca)

«(...) E ABENÇOOU Deus a Noé e a seus filhos, e disse-lhes: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra.

2- E será o vosso temor e o vosso pavor sobre todo o animal da terra, e sobre toda a ave dos céus; tudo o que se move sobre a terra, e todos os peixes do mar, na vossa mão são entregues.

3- Tudo quanto se move, que é vivente, será para vosso mantimento; tudo vos tenho dado como a erva verde.

4- A carne, porém, com sua vida, isto é, com seu sangue, não comereis.

5- E, certamente requererei o vosso sangue, o sangue das vossas vidas; da mão de todo o animal o requererei; como, também, da mão do homem, e da mão do irmão de cada um, requererei a vida do homem.

6- Quem derramar o sangue do homem, pelo homem o seu sangue será derramado; porque Deus fez o homem conforme à sua imagem.

7- Mas vós, frutificai e multiplicai-vos; povoai abundantemente a terra e multiplicai-vos nela (...).».

Gênesis 9:1 a 7

«(...) Havia um homem na terra de Uz, cujo o nome era Job; e este era homem sincero, recto e temente a Deus, e desviava-se do mal.

E nasceram-lhe sete filhos e três filhas.

E era seu gado sete mil ovelhas e três mil camelos e quinhentas juntas de boi, e quinhentos jumentos (...).».

Job 1:1 a 3

«(...) Então saiu Satanás da presença do Senhor, e feriu Job de uma chaga maligna, desde a planta do pé ao alto da cabeça.

... ..

Ouvindo, pois três amigos de Job, todo este mal que tinha vindo sobre ele, vieram cada um do seu lugar: Elifaz, o Temanita, e Bildad, o Suíta, e Sofar, o Naamatita; e concertaram juntamente virem condoer-se dele e consolá-o.

E, levantando de longe os seus olhos e não o conhecendo, levantaram a sua voz e choraram; e rasgando cada um o seu manto, sobre as suas cabeças lançaram pó ao ar.

E se assentaram juntamente com ele na terra sete dias e sete noites; e nenhum lhe dizia palavra alguma, porque viam que a dor era muito grande (...).».

Job 2:7,11,12,13

«(...) O que só estende os céus, e anda sobre os altos do mar. O que fez a Ursa, Orion, e o Sete-Estrelo, e as recâmaras do Sul(...).».

Job 9:8,9

«(...) Ou poderás tu ajuntar a delícias das sete estrelas, ou soltar os atilhos do Orion? (...)»

Job 38:31

«(...) Tomai, pois sete bezerros e sete carneiros, e ide ao meu servo Job, e oferecei holocaustos por vós (...).».

Job 42:8

«(...) E assim abençoou o Senhor o último estado de Job, mais do que o primeiro; porque teve catorze mil ovelhas, e seis mil camelos, e mil juntas de bois, e mil jumentos.

E também teve sete filhos e três filhas (...).

Job 42:12,13

Noé e a sua família entram na Arca

«(...) Depois disse o Senhor a Noé: Entra tu e a toda a tua casa na arca, porque te hei visto justo, diante de mim, nesta geração.

De todo o animal limpo tomarás para ti sete e sete, macho e sua fêmea; mas, dos animais que não são limpos, dois, o macho e sua fêmea.

Também das aves dos céus sete e sete, macho e fêmea para se conservar em vida a semente sobre a face de toda a terra.

Porque passados ainda sete dias, farei chover sobre a terra quarenta dias e quarenta noites; e desfarei, de sobre a face da terra, toda a substância que fiz.

... ..

E aconteceu que, passados sete dias, vieram sobre a Terra as águas do dilúvio (...).

Gênesis 7:1,2,3,4,10

Noé solta um corvo e depois uma pomba

«(...) A pomba porém, não achou repouso para a planta do seu pé, e voltou a ele para a arca ...

E esperou ainda outros sete dias, e tornou a enviar a pomba fora da arca.

E a pomba voltou a ele sobre a tarde; e eis, arrancada, uma folha de oliveira no seu bico; e conheceu Noé que as águas tinham minguido sobre a terra.

Então esperou ainda outros sete dias; e enviou fora a pomba, mas não tornou mais a ele. (...).

Gênesis 8:9, 10,11,12

Salomão edifica o Templo

«(...) No ano quatro se pôs o fundamento da casa de Senhor, no mês de ZIV.

E no ano undécimo, no mês de Bul, que é o mês oitavo, se acabou esta casa, com todas as suas dependências e com tudo o que lhe convinha; e a edificou em sete anos (...).

I Reis 6:37,38

Diversas obras para o Templo

«(...) As redes eram de obra de rede, as cintas de obra de cadeia, para os capitéis que estavam sobre a cabeça das colunas; sete para um capitel e sete para outro capitel (...).

A Sunamita e o seu filho

«(...) Depois voltou, e passeou naquela casa de uma parte para a outra, e tornou a subir, e se estendeu sobre ele: então o menino espirrou sete vezes, e o menino abriu os olhos (...)».

II Reis 4:35,36

A Instituição dos Diáconos

«(...) Escolhei, pois irmãos, de entre vós, sete varões de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, aos quais constituamos sobre este importante negócio.

... ..

E este parecer contentou a toda a multidão, e elegeram Estêvão, homem cheio de fé do Espírito Santo, e Filipe, e Prócoro, e Nicanor, e Timon, e Pármenas, e Nicolau, prosélito de Antioquia (...)».

Actos 6:3,5

O Discurso de Paulo na Sinagoga de Antioquia da Pisídia: a oposição dos judeus

«(...) E, destruindo sete nações, na terra Canaan, deu-lhes por sorte a terra deles.(...)».

Actos 13: 19

Paulo chega a Roma e fica prisioneiro em sua própria casa, durante dois anos

«(...) De onde, indo costeando, viemos a Régio; e soprando, um dia depois, um vento do sul, chegámos no segundo dia a Puteolos.

Onde, achando alguns irmãos, nos rogaram que, por sete dias, ficássemos com eles; e depois nos dirigíssemos a Roma (...)».

Actos 28:13,14

Segunda multiplicação dos pães

«(...) E perguntou-lhes: quantos pães tendes? E disseram-lhe: sete.

E ordenou à multidão que se assentasse no chão. E tomando os sete pães, e tendo dado graças, partiu-os e deu-os aos seus discípulos, para que os pusessem diante deles, e puseram-nos diante da multidão (...)».

S. Marcos 8:5,6

O banquete da sabedoria

«(...) A sabedoria já edificou a sua casa, já lavrou as suas sete colunas (...) ».

Provérbios 9:1

Os primogénitos são santificados a Deus

«(...) Sete dias comerás pães ázimos; e ao sétimo dia, haverá festa ao Senhor.

Sete dias se comerão pães ázimos, e o levedado não se verá contigo, nem ainda fermentado será visto em todos os teus termos (...).

Êxodo 13:6,7 e 23:15

Os dez mandamentos

«(...) Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor, teu Deus: Não farás nenhuma obra, nem tu nem teu filho, nem tua filha, nem teu servo, nem tua serva, nem o teu animal, nem o teu estrangeiro, que está dentro das tuas portas.

Porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há, e ao sétimo dia descansou: portanto, abençoou o Senhor o dia do sábado, e o santificou (...).

Êxodo 20:10,11

Deus manda Moisés e os anciãos subir ao monte

«(...) Depois, disse a Moisés: sobe ao Senhor, tu e Aarão, Nadab e Abirú, e setenta dos anciãos de Israel; e inclinaí-vos de longe.

... ..

E subiram Moisés e Aarão, nadab e Abiú, e setenta dos anciãos de Israel.

... ..

E subindo Moisés ao monte, a nuvem cobriu o monte.

E habitava a glória do Senhor sobre o monte Sinai, e a nuvem o cobriu por seis dias: e ao sétimo dia chamou a Moisés do meio da nuvem (...).

Êxodo 24:1,9, 15,16

A mesa de madeira de cetim

«(...) Também lhe farás sete lâmpadas, as quais se acenderão para iluminar defronte dele (...).

Êxodo 25:37

Restauração do culto

«(...) Quando chegou o sétimo mês e os israelitas já se encontravam instalados nas suas terras, reuniu-se todo o povo em Jerusalém. Então Josué filho de Joçadac, com os seus companheiros sacerdotes, assim como Zorobabel, filho de Salatiel, juntamente com os seus parentes começaram a construir o altar de Deus de Israel ...

Celebraram também a festa das tendas, conforme manda a Lei, e ofereceram sacrifícios durante sete dias, de acordo com o que está determinado para cada dia.

... ..

Começaram a oferecer holocaustos de animais, a partir do primeiro dia do sétimo Mês, apesar de não se ter ainda começado a reconstrução do Templo (...).

Esdras 3:1,4,6

É levantado o Altar – construção do novo Templo

«(...) Desde o primeiro dia do sétimo mês, começaram a oferecer holocaustos ao Senhor: porem ainda não estavam prontos os fundamentos do Templo do Senhor (...).

Esdras 3:6

O cerco, tomada e destruição de Jerusalém

«(...) E da cidade, levou um eunuco que tinha a seu cargo a gente de guerra; e a sete homens dos que viam a face do rei, que se achavam na cidade (...).

Jeremias 52:25

Os Filisteus enviam a arca para fora da sua terra

“ (...) Havendo, pois estado a arca do Senhor na terra dos filisteus sete meses.

Os filisteus chamaram os sacerdotes e os adivinhadores, dizendo; Que faremos nós da arca do Senhor?

Fazei-nos saber como a tornaremos a enviar ao seu lugar. (...) “

I Samuel 6:1,2

Joás dá ordens para consertar o Templo

“ (...) Tinha Joás sete anos de idade quando começou a reinar, e quarenta anos reinou em Jerusalém; e era o nome de sua mãe Zibir, de Berseba. (...) “

II Crônicas 24:1

Quarta visão: o sumo-sacerdote é acusado por Satanás e justificado por Deus

“ (...) Porque eis aqui a pedra que pus diante do Josué; sobre esta pedra única estão sete olhos; eis que eu esculpirei a sua escultura, diz o Senhor dos exércitos, e tirarei a inquietude desta terra num dia. (...) “

Zacarias 3:9

Jericó é destruída; Raab é salva

“ (...) Ora Jericó cerrou-se e estava cerrada, por causa dos filhos de Israel: nenhum saia nem entrava.

... ..

Vós pois, todos os homens de guerra, rodeareis a cidade, cercando a cidade uma vez: assim fareis por seis dias.

E sete sacerdotes levarão sete buzinas de carneiros diante da arca, e no sétimo dia rodeareis a cidade sete vezes, e os sacerdotes tocarão as buzinas.

... ..

Então chamou Josué, filho de Num, aos sacerdotes, e disse-lhes: levai a arca do concerto; e sete sacerdotes levem sete buzinas de carneiros diante da arca do Senhor.

... ..

E assim foi, como Josué dissera ao povo; os sete sacerdotes levando as sete buzinas de carneiros diante do Senhor, passaram, e tocaram as buzinas; e a arca do concerto do Senhor os seguia.

... ..

E os sete sacerdotes, que levavam as sete buzinas de carneiros diante da arca do Senhor, iam andando, e tocavam as buzinas.

... ..

E sucedeu que, ao sétimo dia, madrugaram ao subir da alva, e da mesma maneira rodearam a cidade sete vezes: naquele dia somente rodearam a cidade sete vezes.

E sucedeu que tocando os sacerdotes, a sétima vez as buzinas, disse Josué ao povo: Gritai; porque o Senhor vos tem dado a cidade.

... ..

Gritou, pois, o povo, tocando os sacerdotes as buzinas; e sucedeu que ouvindo o povo o somido da buzina, gritou o povo com grande grito; e o muro caiu abaixo. (...) “

Josué 6:1,3,4,6,8,13,15,20

O perdão do pecado de um irmão

“ (...) Então Pedro, aproximando-se dele disse: Senhor, até quantas vezes pecará meu irmão contra mim, e eu lhe perdoarei? Até sete?

Jesus lhe disse: Não te digo que até sete, mas até setenta vezes sete. (...) “

S. Mateus 18:21

A nova Jerusalém

“ (...) E veio um dos sete anjos que tinham as sete taças cheias das últimas sete pragas. (...) ”

Apocalipse de S. João 21:9

Balac edifica sete altares

“ (...) Então Balaão disse a Balac: edifica-me aqui sete altares, e prepara-me aqui sete bezerros e sete carneiros. (...) ”

Números 23:1

O Ano da Remissão

“ (...) Ao fim de sete anos farás remissão. Este pois é o modo da remissão: Que todo o credor, que emprestou ao seu próximo uma coisa, o quite: não se exigirá do seu próximo ou do seu irmão, pois a remissão do Senhor é apregoada. (...) ”

Deuteronómio 15.1,2

A Lei deve ser lida ao povo de sete em sete anos

“ (...) E Moisés escreveu esta lei, e a deu aos sacerdotes, filhos de Levi, que levavam a arca do concerto do Senhor, e a todos os anciãos de Israel.

E deu-lhes ordem, Moisés, dizendo: Ao fim de cada sete anos no tempo determinado do ano da remissão, na festa dos Tabernáculos.

Quando todo o Israel vier a Deus, no lugar que ele escolheu, levarás esta lei, diante de todo o Israel, aos seus ouvidos. (...) ”

Deuteronómio 31:9,10,11

A abertura do sétimo selo. Os sete anjos com as sete trombetas: as quatro primeiras.

“ (...) E havendo aberto o sétimo selo, fez-se silêncio no céu por quase meia hora.

E vi os sete anjos que estavam diante de Deus, e foram-lhes dadas sete trombetas

... ..

E os sete anjos, que tinham as sete trombetas, prepararam-se para tocá-las. (...) “

Apocalipse 8:1,2,6

Quinta carta à Igreja de Sardo

“ (...) E ao anjo da Igreja que está em Sardo, escreve: Isto diz o que tem os sete espíritos de Deus, e as sete estrelas: Eu sei as tuas obras, que tens nome de que vives, e estás morto. (...) “

Apocalipse 3:1

A Restauração do Templo

“ (...) E de sete degraus eram as suas subidas, e os seus vestíbulos estavam diante deles; e tinham palmeiras, uma de uma banda e outra de outra, nos seus pilares. (...) “

Ezequiel 40:26

A restauração do Templo: o altar dos holocaustos

“ (...) Durante sete dias, prepararás cada dia um bode para expiação; também prepararão um bezerro e um carneiro do rebanho, sem mancha.

Por sete dias, expiarão o altar, e o purificarão, e assim o consagrarão. (...) “

Ezequiel 43:25,26

A glória futura do verdadeiro Israel. Juízos preparatórios. O dia do Senhor. A purificação de Jerusalém

“ (...) E sete mulheres, naquele dia, lançarão mão de um homem, dizendo: Nós comeremos do nosso pão, e nos vestiremos dos nossos vestidos: Tão somente queremos que sejamos chamadas pelo teu nome; tira o nosso opróbio. (...) “

Izaías 4:1

Jesus aparece a João, na ilha de Patmos. Ordena-lhe que escreva o que viu, e o participe às sete igrejas da Ásia.

“ (...) Eu fui arrebatado em espírito no dia do Senhor, e ouvi detrás de mim uma grande voz, como de trombeta.

Que dizia: O que vez, escreve-o num livro, e envia-o às sete igrejas que estão na Ásia: a Éfeso, a Smirna, a Pérgamo, a Tiatira, a Sardo, a Filadélfia e a Laodiceia.

E virei-me para ver quem falava comigo. E virando-me, vi sete castiçais de ouro;

E, no meio dos sete castiçais, um semelhante ao filho do homem, (...) e ele tinha na sua dextra sete estrelas; (...) o mistério das sete estrelas, que viste na minha dextra, e dos sete castiçais de ouro. As sete estrelas são os anjos das sete igrejas, e os sete castiçais, que viste, são as sete igrejas. (...) “

Apocalipse 1: 10,11,12,13,16,20

Os sete anjos com as sete taças cheias das ultimas pragas

“ (...) E vi outro grande e abominável sinal do céu: sete anjos que tinham as sete ultimas pragas; porque nelas é consumada a ira de Deus.

... ..

E os sete anjos que tinham as sete pragas saíram do Templo, vestidos de linho puro e resplandecente, e cingidos com cintos de ouro pelos peitos.

E um dos quatro animais deu aos sete anjos sete salvas de ouro, cheias da ira de Deus, que vive para todo o sempre.

E o Templo encheu-se com o fumo da glória de Deus e do seu poder; e ninguém podia entrar no Templo, até que se consumassem as sete pragas dos sete anjos.

E ouvi, vinda do Templo, uma grande voz, que dizia aos sete anjos: Ide, e derramai sobre a terra as sete salvas da ira de Deus. (...) “

A queda da babilónia. A visão da grande prostituta, assentada sobre a besta

E veio um dos sete anjos que tinham as sete taças, e falou comigo, dizendo-me: Vem, mostrar-te-ei a condenação da grande prostituta que está assentada sobre muitas águas:

... ..

E levou-me em espírito a um deserto, e vi uma mulher assentada sobre uma besta de cor escarlata, que estava cheia de nomes de blasfémia, e tinha sete cabeças e dez chifres.

... ..

E o anjo me disse: Por que te admiras? Eu te direi o mistério da mulher, e da besta que a traz, a qual tem sete cabeças e dez chifres.

... ..

Aqui há sentido, que tem sabedoria. As sete cabeças são sete montes, sobre os quais a mulher está assentada.

E são também sete reis; cinco já caíram, e um existe; outro ainda não é vindo; e, quando vier convém que dure um pouco de tempo.

E a besta que era, e já não é, é ela, também o oitavo, e é dos sete, e vai à perdição. (...) “

Apocalipse de S. João 15:1,6,7,8 – 16:1 – 17:1,3,7,9,10,11

O livro Apócrifo de Henoch (VIII,2) apresenta os sete anjos Santos: Miguel, Gabriel, Rafael, Uriel, Chanael, Jophiel e Zadkiel.

Sete são as partes de Luz na Orbita do Sol que são reflectidas pela Lua (Henoch LXXVI.4)

“ (...) Vi sete montanhas mais altas do que todas as montanhas da Terra ... vi na terra sete rios maiores que todos os outros rios ... vi sete grandes ilhas nesse mar (...) ” (Henoch LXXV, 5, 6 e 8).⁷⁵

O Professor Moisés Espírito Santo em *A Religião Popular Portuguesa*, no capítulo “ A Lua Potência Envolvente”, refere o seguinte:

(...) A simbologia da Lua está largamente associada à importância atribuída ao ritmo sete.

Ninguém ignora que o astro muda de forma todos os sete dias e que o mês lunar comporta vinte e oito dias. O número sete foi introduzido na vida social: a semana tem sete dias e as pessoas são também sujeitas ao ritmo sete (aos sete anos atinge-se a “idade da razão”, aos catorze é a puberdade, aos vinte e um a idade adulta). A vegetação parece ser igualmente regida por este algarismo. O Sobreiro por exemplo, renova a sua casca todos os sete anos e a primeira cortiça só é “boa aos catorze anos”. Outros exemplos fazem crer que a própria terra obedece a este ritmo, crença que é reforçada pelo costume hebraico dos anos sabáticos. A presença do número sete na religião popular é obsessiva: OS santuários são precedidos por sete capelas, isoladas por “sete montanhas” e comportam sete lanços de escadas.

As imagens encontradas debaixo das rochas estiveram enterradas durante várias séries de sete anos ou séculos; os banhos de São Bartolomeu valem por sete; os objectos “benzidos pelo Papa” que as pessoas usam são renovados todos os sete anos; as feiticeiras e as videntes são especialmente devotas do número sete; o galo “põe um ovo todos os sete anos, de onde sai uma serpente”; as pedras de raio (calhaus pontiagudos que se diz serem o

⁷⁵ *O Livro de Henoch*, Minerva, Lisboa 1976

núcleo das faíscas) levam sete anos a enterrarem-se e outros tantos a voltarem à superfície; as próprias trovoadas, segundo os almanaques populares, são mais frequentes na lua nova e sobretudo no mês de Setembro (sétimo mês), reforçada pelas marés vivas; nos cemitérios das aldeias, a terra “ precisa de sete anos para comer os cadáveres” costume que é admitido pelas posturas municipais, e os familiares dos mortos mostram especial empenho em celebrar ofícios fúnebres do sétimo ano. Passado esse período, as almas morrem ou passam a um lugar de “repouso” eterno, enquanto que as que não se submetem a essa sorte se tornam “espíritos”, tidos como maus.

A religião católica admitiu igualmente essa temporalidade: existem sete sacramentos, sete pecados capitais, sete céus; o dia de Páscoa é o sétimo domingo depois do começo da Quaresma. O Pentecostes é o sétimo domingo depois da Páscoa; as igrejas comportam sete altares, há catorze estações da paixão, as sete dores ou alegrias de Maria etc. (...) As doenças segundo Jeová evoluem também a cada série de sete dias (...).⁷⁶

Poderíamos pois encontrar um sem número de referências ou situações ligadas ao número sete ou ao seu ritmo.

A sua importância não é assim resultado do acaso. Sete ou três mais quatro, representando o três ou ternário os princípios Divinos, as preocupações do espírito e o quatro ou quaternário, os elementos, as preocupações do físico, do corpo, da matéria. A palavra criadora e a coisa criada, um pai espírito e uma mãe matéria, o três mais quatro, a combinação da Trindade Divina com os quatro elementos.

O Sete permite assim a passagem do plano físico ao plano espiritual, lembremos os chacras do yoga ou a cruz do Calvário – três degraus mais a cruz, o quatro. Os vícios capitais, três são relativos ao espírito e quatro ao corpo; das sete virtudes, três são Teológicas ou Sobrenaturais e quatro morais; Os Sacramentos, três são relativos à vida espiritual e os quatro restantes à vida social, isto para referirmos apenas alguns exemplos.

Clemente de Alexandria ainda afirma:

⁷⁶ Espírito Santo, Moisés. Op. Cit. p. 59

«De Deus, Coração do universo, partem extensões indeferidas que se dirigem uma para o alto, outra para baixo, esta à direita, aquela à esquerda, uma em frente, a outra para trás. Dirigindo o seu olhar para estas seis extensões, como para um número sempre igual, Ele termina o mundo: Ele é o começo e o fim; n'Ele se concluem as seis faces do tempo e é n'Ele que elas recebem a sua extensão indefinida. É esse o segredo do número sete».

Por fim citarei Desmond Varley quando diz: «Os símbolos não teriam significado se não houvesse seres inteligentes para os observarem».

Não esquecendo o que Jesus responde aos discípulos: «É por isso que eu falo por semelhança porque vendo, eles não vêem, e ouvindo, eles não ouvem ... Mas vós sois felizes, porque tendes olhos que vêem e ouvidos que ouvem».

E caso curioso, todas as palavras da frase seguinte têm sete letras: “Profeta Sagrado Anuncia o Messias Nascido a Oriente”.

Termino perguntando: Que mistério tem o **Sete**?

CONCLUSÃO

Neste trabalho pretendeu-se analisar as configurações simbólicas do sagrado, a partir de diferentes textos classificados como sagrados por diversas religiões, múltiplas narrativas de cariz popular e erudito e ainda materiais iconográficos e fotográficos de diferentes espaços culturais.

Viu-se que na concepção de Sagrado ganha relevância a introdução do conceito de Profano em relação ao de Sagrado. O *Profano* é o comum, o secular, algo destituído de um significado que remeta à realidade transcendente; o Sagrado, por outro lado, é o incomum, aquilo que está à parte, que, necessariamente, se traduz como uma ponte para a realidade última. Assim, o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta e se mostra como qualquer coisa diferente do profano. Os actos de manifestação do sagrado, as hierofanias, representam algo de sagrado que nos é mostrado, algo diferente de uma realidade que não pertence ao nosso mundo, mas que faz parte do nosso mundo profano.

Retoma-se a posição de Berger, o que leva a reafirmar a relação entre o profano e o sagrado e não uma dicotomização entre ambos. O profano é afectado pelo sagrado na medida em que este último, sendo legitimado e reverenciado como verdade suprema, evita o caos que se evidenciaria no carácter profano das rotinas da vida quotidiana⁷⁷. Além disso, a dessacralização do mundo provocaria uma descaracterização do profano que perderia o seu contraponto. O quotidiano sem os símbolos religiosos seria um espaço sem um sentido ordenado para a existência humana. Não é possível pensar o sagrado sem o profano, sem privilegiar relações de interdependência.

⁷⁷ Cf. Peter Berger, *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*, São Paulo, Paulus, 1985

O profano e o sagrado dialogam quotidianamente e, mais que isso, mostram-se como opostos e complementares a ponto de produzirem uma configuração de significados em contextos determinados⁷⁸.

Enfatizando-se a noção de «*hierofania*», manifestação do sagrado, enquanto instauração do Sagrado no mundo a partir da valoração que os indivíduos fazem de certos conteúdos das suas vivências na relação como cosmos, evidencia-se o seu carácter essencialmente simbólico. O símbolo religioso de qualquer espécie expressa essa mesma característica das hierofanias, «testemunha das coisas ainda ausentes». Dessa forma, não haveria experiência do sagrado caso este não se limitasse a uma realidade sensível vivida pelo homem religioso apenas através do símbolo, seja este uma hierofania (elemento natural do cosmos), seja este um objecto profano.

Mesmo manifestando o sagrado, qualquer objecto torna-se outra coisa, porém continua a ser ele mesmo. Desta forma, mesmo uma pedra sagrada nunca deixaria de ser pedra em si, já que, se ela for vista com o olhar profano, nada evidenciará diferença das demais pedras. Uma pedra para ser sagrada deve cumprir o papel de mediação com o sagrado, só desse modo ela trans-significa; ou seja, «a sua realidade imediata transmuda-se numa realidade sobrenatural». Sendo assim, não é qualquer objecto ou elemento da natureza que pode ter o carácter simbólico de evidenciar uma realidade sobrenatural. Um objecto só ganha o status de símbolo quando este possui certas características que «falam» de algum aspecto do sagrado. Noutros termos, «é a maneira de se manifestar ou a forma de um objecto e a maneira de agir de um ser vivente (uma árvore, um animal ou um ser humano) o que conduz a um outro aspecto do sagrado, manifestado justamente sobre essa dimensão»⁷⁹.

Privilegiou-se na abordagem do sagrado, também as dimensões do espaço e do tempo sagrado. O sagrado e o profano como realidades interdependentes em relação, tornam-se perceptíveis e visíveis nos espaços, sejam eles urbanos ou rurais. Assim, diferentemente da experiência profana, em que o espaço é

⁷⁸ Cf. C. Geertz, *A Interpretação das Culturas*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1978

⁷⁹ Cf. M. Eliade, *Op cit.*

homogéneo e neutro, o homem religioso «*funda ontologicamente*» o seu mundo numa definição de *centro*, de um *ponto fixo*, revelado por uma *hierofania*. Nesse sentido, vê-se que o espaço sagrado é, acima de tudo, um ponto de referência para a vivência de um «cosmo» repleto de significações em oposição ao caos de uma realidade profana.⁸⁰

O tempo sagrado também está em relação/oposição ao tempo profano, que é vivido continuamente. A procura do tempo original é, para o homem religioso, a repetição do acto criador dos deuses. Esse encontro processa-se através de múltiplas cerimónias, as festas periódicas, nas quais, pelo comportamento diferenciado daquele dos dias comuns, as comunidades e os indivíduos procuram a reactualização com o sagrado, consciente de que nos seus mínimos detalhes estão a executar os actos exemplares do criador. Assim, o homem religioso torna-se contemporâneo dos deuses: sai do seu tempo histórico, constituído pela soma dos eventos profanos e pessoais, para participar de um tempo eterno, mítico, «*o tempo da origem*», aquele que «*não decorre*» porque não está integrado à duração temporal da existência do dia-a-dia. Satisfaz, portanto, o seu desejo de aproximação dos deuses: a sua necessidade de retorno à origem.

Sustentou-se, na esteira de Geertz, a ideia de religião, de sagrado e de profano, como um sistema cultural, em que os padrões culturais são *sistemas ou complexos de símbolos*⁸¹. Os símbolos são formulações plenas de significado porque remetem para experiências abstractas materializadas ou a ideias, conceitos, sensações e atitudes que foram condensadas e concretizadas. Geertz traça outras características essenciais dos símbolos. Eles são uma espécie de *programa* com códigos estabelecidos que funcionam como modeladores ou ordenadores de processos e comportamentos no âmbito público. Por nortear comportamentos e processos externos ou públicos, os símbolos são observáveis como qualquer outro facto social. Os símbolos modelam a realidade e ao mesmo tempo modelam-se a ela. São «modelo de» e «modelo para» a realidade.

⁸⁰ Cf. M. Eliade, *Op cit.*

⁸¹ C. Geertz, *A Interpretação das Culturas*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1978, p. 106

Os símbolos religiosos modelam o mundo, «induzindo o crente a um certo conjunto distinto de disposições (tendências, capacidades, propensões, habilidades, hábitos, compromissos, inclinações) que emprestam um carácter crónico ao fluxo de sua actividade e à qualidade da sua experiência».⁸²

⁸² C. Geertz, *A Interpretação das Culturas*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1978, pp. 106-109

BIBLIOGRAFIA

ARMORIAL LUSITANO. *Genealogia e Heráldica*, Lisboa, Editorial Enciclopédica, 1961

AUBIER, Catherine. *A Astrologia Chinesa*, Lisboa, Edições 70, 1984

BASTOS, Baptista. *Viagem de um Pai e de um filho pelas ruas da Amargura...*, Lisboa, O Jornal, 3ª ed. 1987

BERGER, Peter, *O Dossel Sagrado: Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião*, São Paulo, Paulus, 1985

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida, Lisboa, Edição da Sociedade Bíblica, 1994

CARNY, Lucien. *Les Sceaux de l'ordre du Temple*, in *Atlantis*, p.268

CARVALHO, António. *As duas faces da serpente*, Lisboa, Acontecimento, 1994

CAZENEUVE, J. *Sociologia do Rito*, Porto, Rés Editora, s/d

CHEVALIER, Jean e Alain Gherchant. *Dictionnaire des symboles*, Paris, Rober Laffont Jupiter, 1969, 1982

CHEVALIER, JEAN. «Introduction, in Jean Chevalier, Alain Gheerbrant, *Dictionnaire des Symboles*, Paris, Ed. Robert Lafont/Jupiter, 1993 [1969], pp. XVIII-XXIII

CLARK, Keneth. *Civilização*, S. Paulo, Livraria Martins Fontes ed. 1980

CONSÉCRATION ET INAUGURATION D'UNE ÉGLISE, selon le Rituel de l'Eglise Russe – Chevetogne 1957

DANIÉLOU, J, *Théologie du Judéo-Christianisme* (1960)

DICIONÁRIO DE PORTUGÊS. 4ª Edição, Porto Editora, Lda.

DUBY, Georges. *O Tempo das Catedrais*, Lisboa, Editorial Estampa, 1988

DURKHEIM, E. *Les Formes Élémentaires de la Vie Religieuse*, Paris, Quadrigue, PUF, 1985 [1912]

- ELIADE, M. *O Sagrado e o Profano. A Essência das Religiões*, Lisboa, ed. Livros do Brasil, s/d
- ESPÍRITO SANTO, Moisés. *A Religião Popular Portuguesa*, Lisboa – Assírio & Alvim, 1990
- ESPÍRITO SANTO, Moisés. *As Origens do Cristianismo Português*, Lisboa – Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões, Universidade Nova de Lisboa, 1993
- ESPÍRITO SANTO, Moisés. *Comunidade Rural ao Norte do Tejo. Seguido de Vinte Anos Depois*, Lisboa, Associação de Estudos Rurais, Universidade Nova de Lisboa 1999
- ESPÍRITO SANTO, Moisés. *O Brasonário Português e a Cultura Hebraica*, Lisboa, Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões, Universidade Nova de Lisboa, 1997
- FERNANDES, ANTÓNIO TEIXEIRA. *Formas de Vida Religiosa nas Sociedades Contemporâneas*, Oeiras, Celta Editora, 2001
- FREITAS, Lima de Freitas. *O Labirinto*, Lisboa, Ed. Arcádia, 1975
- FULCANELLI. *O Mistério das Catedrais*, Lisboa, Edições 70, 1986
- GAMBER, Kalus, *Vueltos Hacia el Señor*, Madrid, Ediciones “Renovación”, 1996
- GAMBER, Monsenhor Klaus. *Vueltos Hacia el Señor*, Madrid, ed. Renovación, 1996
- GEERTZ, C., *A Interpretação das Culturas*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1978
- HANCOCK, Graham. *Em busca da Arca da Aliança*, Lisboa, Editorial Presença, 1998
- HANCOCK, Graham. *Em busca da Arca da Aliança*, Lisboa, Editorial Presença 1998
- HANI, Jean, *O Simbolismo do Templo Cristão*, Lisboa, Edições 70, 1991.
- HANI, Jean. *O Simbolismo do Templo Cristão*, Lisboa, Edições 70, 1981
- LA FONTAINE. *Fábulas*, Lisboa, Editorial Minerva, s/d
- LAMY, Michel. *Os Templários*, Lisboa, Editorial Notícias, 1999

- LAWLOR, Robert. *Sacred Geometry. Philosophy and Practice*, Londres, Thomas & Hudson 1989
- LAWLOR, Robert. *Sacred Geometry: Philosophy and Practice*, Londres, Thames & Hudson, 1998
- LE PORRIER, Herbert. *O Médico de Córdova*, Lisboa, Bizâncio, 1998
- LEVI-STRAUSS, C. *Anthropologie Structurale*, Paris, Plon, 1974
- MARQUES, Gentil. *Lendas de Portugal*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1992
- MARQUEZ, Gabriel Garcia. *Ninguém escreve ao Coronel*, Lisboa, Publicações Europa América, 1983
- MEZA, J. Honorio Ramírez. *Gotas de Sabiduria*, Mexico, ed. Autor, 1994
- MICHEL, Jonh. *The Dimension of Paradise*, Londres, Thames and Hudson 1998
- O LIVRO DE HENOCH, Lisboa, Minerva 1976
- OLIVEIRA MARQUES, Isaura de, *O que faz uma arquitecta em Sociologia das Religiões*, policopiado, Lisboa, UNL, 1999
- OTTO, R. *Le Sacré*, Paris, Payot, 1949
- OUAKNIM, Marc-Alain. *Le Livre Brûlé-Philosophie du Talmud – Sagesses*, Lieu Commun, Paris [1986] 1993
- RADCLIFF-BROWN, «Rituel», *Encyclopedia Universalis*, vol. 15, Paris, 1985
- ROOB, Alexander. *Alquimia & Misticismo*, Itália, Taschen, 1996
- ROOB, Alexander. *Alquimia & Misticismo*, Lisboa, TASCHEN, 1996
- TOMAS, ANDREW. *Os segredos da Atlântida*, Bertrand, Lisboa, 1977
- VARLEY, Desmond. *Sete o Número da Criação*, Lisboa Edições 70, 1988
- VERBO. *Enciclopédia Luso Brasileira de Cultura*
- ZOAR, *O Livro do Esplendor*, Lisboa, Estampa, 1994